



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

RAFAELA HONÓRIO DE AZEVEDO

**A LITERATURA INFANTIL AFRO-BRASILEIRA E INDÍGENA: COMO
INSTRUMENTO DE INCLUSÃO ÉTNICO-RACIAL**

**CAMPINA GRANDE -PB
2024**

RAFAELA HONÓRIO DE AZEVEDO

**A LITERATURA INFANTIL AFRO-BRASILEIRA E INDÍGENA: COMO
INSTRUMENTO DE INCLUSÃO ÉTNICO-RACIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de
Educação da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciatura plena
em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Margareth Maria de Melo.

Campina Grande-PB
2024

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A994I Azevedo, Rafaela Honorio de.
A literatura infantil afro-brasileira e indígena como instrumento e inclusão étnico-racial [manuscrito] / Rafaela Honorio de Azevedo. - 2024.
52 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2024.

"Orientação : Profa. Dra. Margareth Maria de Melo, Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC. "

1. Literatura infantil étnico-racial. 2. Povos indígenas. 3. Negro. 4. Cultura. I. Título

21. ed. CDD 808.068

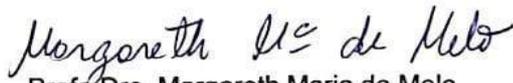
RAFAELA HONÓRIO DE AZEVEDO

**A LITERATURA INFANTIL AFRO-BRASILEIRA E INDÍGENA: COMO
INSTRUMENTO DE INCLUSÃO ÉTNICO-RACIAL**

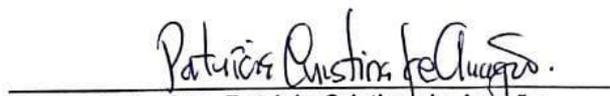
Trabalho de conclusão de Curso,
apresentado pelo curso de
Licenciatura em **Pedagogia** da
Universidade Estadual da Paraíba,
em finalização para Obtenção do
grau de licenciado em Pedagogia.

Aprovado em: 11/06/2024

BANCA EXAMINADORA


Profa Dra. Margareth Maria de Melo
(Orientadora – UEPB)


Profa. Dra. Maria de Socorro Moura Montenegro
Examinadora – UEPB


Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão
Examinadora – UEPB

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me guiar ao longo desses quatro anos de muito estudo, me fornecendo proteção e força pra caminhar nessa jornada de produtividade e adquirir conhecimentos e experiências válidos para toda a vida.

A minha orientadora, Dr^a. Margareth Maria de Melo, pelo acolhimento, dedicação e carinho, como mentora de toda essa bagagem de conhecimento sobre a temática étnico-racial.

A família, pelo incentivo e apoio, durante a trajetória de escrita desta pesquisa, em especial aos meus irmãos (a) por não deixar desistir e sempre mantendo a preocupação.

Aos mestres, professores pela contribuição de saberes e conhecimentos, no curso de Pedagogia onde foi possível despertar todo carinho e amor à profissão, entendo sua importância e necessidade para toda a sociedade.

Aos amigos que juntos vivenciamos muitos momentos de aprendizagem e conhecimentos compartilhados, agradeço pelo incentivo, apoio e força nessa trajetória.

RESUMO

O presente trabalho irá explorar a literatura infantil afro-brasileira e indígena como instrumento de mudança, ressignificação e reconstrução da imagem negativa imposta por muito tempo na sociedade pela cultura eurocêntrica. Desse modo, busca-se trazer contextualizações sobre a importância dessas literaturas para as crianças e uma síntese do percurso vivenciado na literatura pelos negros e indígenas para a inclusão de suas escritas no meio social, evidenciando o destaque das literaturas infantis como precursoras de uma educação inclusiva, antirracista que procura trabalhar a autoestima e valorização da cultura afro-brasileira e indígena no Brasil. O objetivo principal foi analisar obras literárias infantis afro-brasileiras e indígenas, e suas contribuições significativas para as crianças, buscando demonstrar como a literatura infantil étnico-racial cria um espaço inclusivo, de respeito à diversidade. Para escrita desta pesquisa foram estudados autores/as como: Silva (2007), Coelho (2000), Bastide (1973), Castilho (2004), Gomes (2002), Santos (2009), Carvalho (1997), Graúna (2019), Krenak (2018), entre outros. Bem como, a Lei nº 10.639/2003 e a Lei nº 11.645/2008, as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, o Estatuto de Igualdade Racial, Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010. A metodologia utilizada se enquadra em pesquisa bibliográfica e documental, com análise de conteúdo qualitativa. Os resultados apontam para as contribuições no processo educativo e no desenvolvimento das crianças referente ao respeito à diversidade, empatia e entendimento de pertencer a um país formado pela diversidade cultural que compõe a sociedade brasileira.

Palavra-chave: Literatura Infantil Étnico-Racial. Povos Indígenas. Povo Negro
Identidade. Cultura.

ABSTRACT

This work will address Afro-Brazilian and indigenous children's literature as an instrument of change, resignification and reconstruction of the negative image imposed for a long time on society by Eurocentric culture. a synthesis of the journey experienced in literature by black and indigenous people towards the inclusion of their writings in the social environment, highlighting the prominence of children's literature as precursors of an inclusive, anti-racist education that seeks to work on self-esteem and appreciation of Afro-Brazilian and indigenous culture in Brazil. The main objective was to analyze Afro-Brazilian and indigenous children's literary works, and their significant contributions to children, seeking to demonstrate how ethnic-racial children's literature creates an inclusive space, respectful of diversity. To write this research, authors such as: Silva (2007), Coelho (2000), Bastide (1973), Castilho (2004), Gomes (2002), Santos (2009), Carvalho (1997), Graúna (2019) were studied., Krenak (2018), among others. As well as, Law No. 10,639/2003 and Law No. 11,645/2008, the National Curricular Guidelines for the Education of Ethnic-Racial Relations and the Teaching of Afro-Brazilian and African History and Culture, the Racial Equality Statute, Law No. 12,288, July 20, 2010. The methodology used falls within bibliographic and documentary research, with qualitative content analysis. The results point to contributions to the educational process and children's development regarding respect for diversity, empathy and understanding of belonging to a country made up of several cultures that make up Brazilian society.

Keyword: Ethnic-Racial Children's Literature. Indian people. Black People Identity. Culture.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1:	Personagem Mariana.....	36
Figura 2:	Personagem Dandara.....	36
Figura 3:	Personagem Luanda.....	37
Figura 4:	Relação de amizade.....	38
Figura 5:	O mundo não é dividido.....	38
Figura 6:	Bintou feliz com seu penteado.....	40
Figura 7:	Betina feliz com seu novo penteado.....	40
Figura 8:	Menino Kabá.....	43
Figura 9:	Meninas brincando.....	43
Figura 10:	Elementos culturais.....	43
Figura 11:	Indígena Wiraí.....	43
Figura 12:	Abaré, brincando.....	44
Figura 13:	Menino Poti, com sua família e seu amigo.....	44
Figura 14:	Betina e sua avó.....	44
Figura 15:	Bintou e sua avó.....	44
Figura 16:	Ritual de batizado.....	45

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	08
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	11
2.1 A importância a literatura infantil para educação a relações étnico-raciais.....	12
2.2 A questão negra na literatura.....	16
2.3 A questão indígena na literatura.....	22
2.4 A literatura infantil étnico-racial.....	28
3. METODOLOGIA.....	33
4. RESULTADO E DISCUSSÕES.....	36
4.1 Identidade.....	36
4.2 Cultura.....	41
5. CONCLUSÃO.....	47
REFERÊNCIAS.....	49

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa estuda acerca da importância da literatura infantil étnico-racial para a formação do leitor infantil, diante da invisibilidade indígena e negra, tanto na escola, como, também, nos materiais didáticos por influência de uma cultura eurocêntrica, busca-se explorar a literatura infantil¹ afro-brasileira e indígena como instrumento de mudança, ressignificação e reconstrução da imagem negativa dos povos indígenas e negros.

O objetivo principal foi analisar obras literárias infantis afro-brasileiras e indígenas, e suas contribuições significativas para a formação do leitor mirim (as crianças), buscando demonstrar como a literatura infantil étnico-racial cria, entre outras coisas, um espaço inclusivo, de respeito à diversidade. Os objetivos específicos foram: identificar como a cultura afro-brasileira e indígena está representada na literatura infantil étnico-racial; estudar a questão da literatura negra e indígena e seu percurso até a literatura infantil afro-brasileira e indígena; problematizar como a literatura infantil étnico-racial pode criar um espaço inclusivo de respeito à diversidade no ambiente escolar; examinar oito obras literárias infantis afro-brasileiras (4) e indígenas (4), suas características, como os personagens estão inseridos e como a história está sendo contada pelos/as autores/as.

Justifica-se a escolha desse tema, primeiramente pela minha própria identificação com a temática, enquanto criança de cabelos altamente cacheados que passou por preconceitos por conta disso, e durante toda infância como estudante de escola pública nunca presenciei nenhum uso de literaturas afro-brasileiras e indígenas que trabalhassem com a autoestima e valorização das diferenças, além disso, não haviam personagens nas quais crianças, assim como eu, pudessem se espelhar. Em outro momento em minha experiência de estágio, durante 2023, soube que houve caso de racismo na sala de aula, então, presenciei uma aluna que aparentemente estava triste, pouco interagiu e depois que a mesma alisou os cabelos estava mais feliz e comunicativa. Desse modo, observei que não haviam literaturas com personagens negros e poucas com temáticas indígenas, nesse sentido, comecei a pensar como a contribuição dessas literaturas poderiam mudar esse cenário de não

¹ “Historicamente, a literatura infantil é um gênero situado em dois sistemas. No sistema literário, é espécie de primo pobre. No sistema da educação, ocupa lugar mais destacado, graças ao seu papel na formação de leitores, que cabe à escola realizar e transformar” (Cadermatori, 2010, p. 13).

identificação com a própria aparência? Será que o uso da literatura infantil étnico-racial, influencia na mudança de postura das crianças?

Diante disso, considera-se que através desta inclusão literária seria possível criar um ambiente de respeito à diversidade e de combate ao racismo, além de auxiliar no desenvolvimento da identidade e autoestima. Será que a escola está aberta a esse tipo de discussão? Será que o corpo docente saberá fazer essa mediação? Como provocar uma reflexão sobre a educação das relações étnico-raciais na escola com o uso da literatura infantil étnico-racial?

Mesmo sabendo que o país apresenta uma grande diversidade étnico-racial é fundamental ter um olhar sensível para uma educação multiétnica e pluricultural, desta forma, a literatura com protagonismo negro e indígena se destaca para ser norteadora desta reflexão e contribuir com a construção de um espaço inclusivo e fortalecedor do pensamento crítico. Pois, historicamente o branco sempre foi colocado como superioridade, principalmente nos contos e histórias para crianças, advindas dos contos clássicos dos Irmãos Grimm que são: *Chapeuzinho Vermelho*; *A Bela Adormecida*; *A Gata Borralheira*; *Branca de Neve e os Sete Anões*; *Rapunzel* e *João e Maria* e os contos dos Irmãos Andersen, que são: *O Patinho Feio* e *o Soldadinho de Chumbo*. Sabendo que esses contos europeus visavam estabelecer padrões de comportamento que deveriam ser seguidos pela sociedade.

Nesse sentido, compreendemos que o nosso país recebeu forte influência desses contos europeus, contribuindo para a não aceitação étnico racial, de modo que proporcionou, queiramos ou não, por parte de uma grande parcela de nossa população brasileira, o aumento do preconceito racial, causando, assim, certa inferioridade e certa desvalorização do negro, sobretudo, no que se refere ao padrão estético imposto pela sociedade capitalista, como é o caso do cabelo.

Nesta pesquisa, no primeiro momento, refere-se a importância de incluir no contexto escolar a literatura infantil afro-brasileira e indígena, para educação das relações étnico-raciais. No segundo momento é visto a questão dos negros e indígenas nas literaturas, como a imagem deles foi sendo passada ao longo do tempo criando estereótipos negativos, na sequência é apresentado como foi o desenvolvimento até a inclusão de autores negros e indígenas nas literaturas e, após isso, o início de suas próprias escritas inclusive nas literaturas infantis. No terceiro momento é visto a importância da literatura infantil étnico-racial e sua representatividade nas escolas, como esses livros influenciam em vários aspectos

como amizade, empatia e respeito as diferenças e a natureza, e como é necessário para os próprios negros e indígenas poder contribuir com suas narrativas, quebrando os estereótipos impostos por muito tempo. Na sequência, são analisadas obras literárias infantis com narrativas positivas que apresentam a valorização das culturas e identidades, dedicando-se à autoestima das crianças negras e mostrando como é a realidade dos indígenas trabalhando o conhecimento sobre as culturas. E por fim as considerações finais, apresentando o fechamento de toda a pesquisa, destacando os pontos positivos da literatura como instrumento de inclusão étnico-racial.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O presente estudo trata-se de uma reflexão sobre a literatura infantil étnico-racial, desse modo que propõe relacionar a literatura infantil a uma educação antirracista, proporcionando um ambiente inclusivo e com mais conhecimento sobre as diferentes culturas que representam o Brasil.

Nesse sentido, para pensar em uma educação das relações étnico-raciais, é preciso ter consciência das desigualdades e discriminações que a população negra e indígena passava e ainda passa, após muitas lutas e movimentos, o governo federal alterou a Lei nº 9.394/1996 Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) sancionando a Lei nº 10.639/2003 que obriga o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana em todas as escolas do ensino fundamental e médio, ampliando o conhecimento e orientando a execução da educação das relações étnico-raciais. Além disso, a Lei nº 11.645 sancionada em 2008, novamente altera a LDB e obriga as escolas a incluírem o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena nos currículos, dessa forma pode-se dizer que:

A educação das relações étnico-raciais tem por alvo a formação de cidadãos, mulheres e homens empenhados em promover condições de igualdade no exercício de direitos sociais, políticos, econômicos, dos direitos de ser, viver, pensar, próprios aos diferentes pertencimentos étnico-raciais e sociais. Em outras palavras, persegue o objetivo precípua de desencadear aprendizagens e ensinamentos em que se efetive participação no espaço público. Isto é, em que se formem homens e mulheres comprometidos com e na discussão de questões de interesse geral, sendo capazes de reconhecer e valorizar visões de mundo, experiências históricas, contribuições dos diferentes povos que têm formado a nação, bem como de negociar prioridades, coordenando diferentes interesses, propósitos, desejos, além de propor políticas que contemplem efetivamente a todos. (Silva, 2007, p. 12)

Partindo deste princípio, é possível compreender alegar que a educação das relações étnico-raciais promove o respeito às diferenças, a igualdade e inclusão de todas as pessoas no processo de construção de identidades, de sujeitos autônomos, de cidadãos e cidadãs críticos, capazes de dialogar, negociar, intervir na resolução de problemas e de propor políticas públicas que atendam a todas as pessoas.

É importante destacar, aqui, que:

Partimos do princípio de que o Movimento Negro enquanto forma de organização política e de pressão social – não sem conflitos e contradições – tem se constituído como um dos principais mediadores entre a comunidade negra, o Estado, a sociedade, a escola básica e a universidade. Ele organiza

e sistematiza saberes específicos construídos pela população negra ao longo da sua experiência social, cultural, histórica, política e coletiva (Gomes, 2018, p. 42).

E é, justamente, por essa razão que consideramos os dispositivos legais e as proposições do Movimento Negro o Conselho Nacional de Educação aprovou as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, em 2004 e diversas ações formativas foram implementadas pelo Ministério da Educação através da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR) e Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI): cursos presenciais e EAD, apoio aos Núcleos de Estudos Afro-Brasileiro (NEAB), materiais didáticos foram produzidos e distribuídos (BRASIL, 2013), dentre eles, livros de literatura infantil.

De acordo com Santos (2019) A literatura com inclusão de personagens e escritores negros e indígenas contribui consideravelmente para agregar na educação o ensino das relações étnico-raciais, pois através das histórias contadas além de ser passados ensinamentos sobre igualdade, respeito, culturas e vivências, através dela os alunos também se identificam com os personagens e com a narração apresentada. Assim, é relevante destacar que a literatura infantil é um recurso que pode ser utilizado de várias formas no contexto escolar, sendo ela lida e trabalhada de forma significativa e prazerosa para os alunos, sem objetividade como atividade, desse modo considerasse a literatura infantil fundamental para a formação do sujeito, pois estimula indagações ao leitor, a criticidade e reflexão (Santos, 2019).

2.1 A importância da literatura infantil para educação das relações étnico-raciais

Segundo Cadermatori (2020), tradicionalmente e, ao longo do tempo, a Literatura Infantil apresentou e tem apresentado, por determinação pedagógica, num viés puramente moralizante, um discurso monológico, que não dá margens a questionamentos, de modo que só aceita uma única resposta, não dando brechas para interrogações, muito menos para o choque de verdades, isto é, tudo acaba se higienizando numa única só voz.

A princípio, a literatura compõe o papel pedagógico de ensinar através da leitura e interpretação, considerando o gênero narrativo entende-se que os alunos aprendem através da história contada, que pode apresentar contextos diferentes como contos reais ou fictícios, ensinamentos do cotidiano, moralismo, humanização, empatia, respeito, diversidade, valores, entre várias outras opções de mensagens que podem ser passadas através da narração.

Por outro lado, Souza (2016) nos diz que, pode-se entender por literatura étnico-racial, a leitura realizada em salas de aulas com abordagens diversificada, incluindo personagens negros e indígenas como participantes das histórias e também como personagens principais, além disso é importante variar as literaturas utilizando as que representam culturas, costumes e características variadas para que aja inclusão em vários aspectos, nesse sentido:

A literatura seria assim contrária à proposição de um discurso ditatorial unificador, homogeneizador de pessoas, linguagens e culturas. Neste viés de análise, a literatura “desenhará” personagens, acontecimentos, situações nas quais as especificidades de variados grupos humanos, suas maneiras de ser, agir, viver possam ser representadas e principalmente, entendidas como relacionais. (Souza, 2016, p.99).

A partir disso entende-se que a literatura deve haver variadas perspectivas humanas e representações variadas, para não ser relacionada a ideias e regimes políticos, pois as literaturas tem o poder de mexer com a consciência da criança e a influenciá-la através de ensinamentos, que muitas vezes pode não ser passado dentro da escola ou pelos seus familiares, pois de acordo com o contexto da história os alunos param para refletir, de forma a auxiliar o entendimento do que é certo e o que é errado, e baseado na própria compreensão adquirida naquele momento é possível através da literatura incentivar o aluno a ter criticidade sobre a sociedade, dessa forma a leitura apoia a formação de sua personalidade.

Outro ponto a ser destacado é a identificação, muitas crianças gostam dos personagens da literatura e querem ser iguais e assim fazem uso dos personagens na imaginação para brincar. Desse modo, as crianças observam o personagem ao todo, como é as características, quais são suas preferências de cores e roupa, como é sua vida, qual é a mensagem principal que a história quer passar, fazendo assim com que as crianças criem um vínculo afetivo com a leitura e que se identifiquem com os personagens que aparecem na narrativa.

Desde os anos 70/80, as experiências, debates e propostas para reformas educacionais vem-se multiplicando de maneira significativa, principalmente no âmbito da língua e da literatura. E com especial cunho polêmico na área da literatura infantil. Tal predominância pode parecer absurda aos “distraídos” que ainda não descobriram que a verdadeira evolução de um povo se faz ao nível da mente, ao nível da consciência de mundo que cada um vai assimilando desde a infância. Ou ainda não descobriram que o caminho essencial para se chegar a esse nível é a palavra. Ou melhor, é a literatura – verdadeiro microcosmo da vida real, transfigurada em arte. (Coelho,2000, p.15)

Assim, entende-se como é importante a utilização de literaturas não apenas para o papel pedagógico, e também como instrumento de mudança na sociedade, pois hoje a literatura está abrangente culturalmente e diversificada em gênero, raça e religião, ademais quebrando padrões estabelecidos pelo capitalismo, trazendo como conhecimento as origens da cultura brasileira sendo composta, principalmente, por indígenas, afro-brasileiros e africanos.

A literatura étnico-racial é fundamental para uma educação inclusiva, sem preconceitos, pois hoje, encontram-se produções literárias que oferecem variedades de temáticas que visam, unicamente, a formação do leitor crítico, (para o uso pedagógico), incluindo histórias com personagens indígenas e negros como protagonistas, que antes não eram vistos em nenhuma literatura. Quando havia representação do negro era sempre como personagem secundário e coadjuvante, aparecendo excessivamente como subalternos.

No entanto, é importante levar em consideração que o contexto histórico e cultural da época contribuía, significativamente, para que o próprio negro fosse extremamente preconceituoso consigo próprio e isto é muito visível nas obras de Monteiro Lobato, em pleno Século XX. Nesse sentido, é compreensível, a partir do momento em que busquemos praticar a alteridade, alteridade esta, que se materializa quando analisamos o outro no interior de seu contexto histórico e cultural, sobretudo, quando sabemos que, mesmo em pleno Século XXI, com a Lei 10.639/2003, vigente no nosso país, ainda existem milhares de pessoas que têm preconceito racial na nossa sociedade brasileira.

Em Monteiro Lobato, observamos isso na série de seus livros, tanto em *Sítio do Picapau Amarelo*, publicado entre 1920 a 1947” onde a personagem de representação negra é Tia Nastácia que era uma cozinheira idosa que trabalhava para Dona Benta, além disso a cultura indígena era retratada é mostrada apenas como folclore sendo representada por algumas lendas como “A Caipora” personagem de

origem mitológica Tupi-Guarani, e a lenda do “Curupira” sendo uma das primeiras lendas indígenas registrada pelos portugueses.

Segundo Carvalho e Martinelli (2020), a escrita literária afro-brasileira tem o compromisso com a conscientização, entre tantas temáticas, incluímos o combate ao racismo, nesse sentido entende-se que ao ser utilizada ela tem uma finalidade pré-estabelecida que envolve todos os alunos, negros e não negros. Desse modo trabalhar a cultura, a história de resistência negra desestrutura o poder estabelecido, desse modo reconhece-se que:

“proporcionar aos alunos o encontro com a literatura afro-brasileira é de imensa importância, uma vez que a literatura nos leva de modo peculiar a viver outras experiências e a enxergar o mundo e as pessoas de outras formas. Apresentar o ponto de vista do negro enquanto sujeito (protagonista, com história, com família, com sentimentos, com atitudes) e não objeto, pode despertar outros olhares em relação às discriminações raciais”. (Carvalho; Martinelli,2020, p.11).

Nesse sentido, a utilização de livros infantis afro-brasileiros, além de ser inclusivo trabalha a identidade dos alunos, pois as crianças negras podem se afeiçoar aos personagens que representam suas características, outro ponto seria a diversidade e o conhecimento sobre um país multiétnico que seria passado a todos os discentes.

Do mesmo modo, a literatura indígena incluída no contexto escolar não apenas promove a diversidade cultural, bem como, contribui para a construção de uma sociedade sensível à causa dos povos originários, que respeita o meio ambiente e é consciente de suas raízes históricas e culturais. É uma maneira valiosa de reconhecer e celebrar a riqueza da herança indígena no contexto brasileiro. Além disso, no Brasil, existem muitos estereótipos em relação aos povos indígenas, e a literatura indígena brasileira seria um meio de ajudar a desconstruir esses estereótipos, proporcionando uma visão mais autêntica das culturas, modos de vida e desafios enfrentados por essas comunidades.

Diante disso, a utilização da literatura que trata das relações étnico-raciais desde a primeira infância é de extrema importância, pois promove uma educação inclusiva e sensível à diversidade, contribuindo para uma formação integral das crianças, com propósito de oferecer desde a primeira infância a oportunidade de serem-se representadas nas histórias, auxiliando no desenvolvimento de uma

identidade positiva e saudável, aumentando a autoestima e o orgulho de sua herança cultural e étnica.

2.2 A questão negra na literatura

O negro na literatura desempenha um papel crucial na promoção da diversidade, após muitos movimentos da negritude e dificuldades enfrentadas, hoje temos muitos autores que contribuem com a escrita de literaturas com personagens negros autênticos, com protagonismo na/da narrativa, quebrando um paradigma de invisibilidade étnica e cultural causada pelo racismo. Nesse sentido, a exposição negra em livros vem desconstruindo estereótipos, que foram impostos na sociedade principalmente com a contribuição de autores europeus, sendo um fenômeno de expressão e valorização, contra a subalternização negra, sem negar a dificuldade para se incluir no contexto literário e poder fazer suas próprias publicações, pois essa experiência está sendo vivenciada em um país culturalmente dominado pelo eurocentrismo.

Segundo Bastide (1973), o negro começa a aparecer na literatura por volta do século XVII, sendo colocado com estereótipo baseado em sua aparência ou pelo trabalho escravo, desde então o negro é colocado como algo aversivo para os brancos ou em uma disputa com os mulatos (que seriam os considerados mestiços na época), encontram-se estereótipos raciais desde as origens da literatura brasileira, como por exemplo no livro *Poemas escolhidos* de Gregório de Matos em 1970, dessa forma, o autor utiliza o gênero satírico para fazer humor, porém, com comentários negativos, imitando assim poetas europeus na época, o autor utilizando o gênero satírico faz críticas a Bahia expondo a sociedade colonial, no poema “O poeta descreva a Bahia” o autor enfatiza o governo que tem total poder sobre a população, e descreve a Bahia com o retrato de pobreza, expondo também a escravidão:

A cada canto um grande conselheiro, que nos quer governar cabana e vinha;
não sabem governar sua cozinha e podem governar o mundo inteiro.
Em cada porta um bem frequente olheiro, que a vida do vizinho e da vizinha
pesquisa, escuta, espreita e esquadrinha, para o levar à praça e ao terreiro.
Muitos mulatos desavergonhados, trazidos sob os pés dos homens nobres,
Posta nas palmas toda a picardia. Estupendas usuras nos mercados, Todos
os que não furtam muito pobres: E eis aqui a cidade da Bahia. (Matos, 1970,
p.45).

Outro ponto de destaque desta época era o folclore que colocava o negro como desfavorável, sendo apenas utilizado na escrita como trabalhador manual, apesar que nesse período o negro não era assunto poético, pois segundo Bastide (1973) “a moda de então era dos pastores e das ninfas silvestres, o negro só se torna poético depois de uma transposição dupla com a obra *Quitubia*, de Basílio da Gama, pois a obra se passa na África”. Nesse sentido acredita-se que o estereótipo não surge de fato pela cor ou raça, mas devido a situação em que a sociedade fazia os Africanos de escravo, e assim os colocava como inferiores e associado a imagem de trabalho.

Nesse direção, pode-se entender de acordo com o autor Bastide (1973) que o negro continuou sendo objeto de preconceitos, como é visto na obra de Joaquim Manuel de Macedo, *As Vítimas-Algozes* que foi publicada em 1869, neste livro o autor faz uma defesa a abolição da escravatura, sem defender os direitos humanos e de igualdade social, pois coloca como principal da história os fazendeiros e lavradores donos dos escravos, partindo do ponto de vista de que os senhores eram nobres e tratavam bem os escravos. Desse modo, os escravos são retratados de forma pejorativa, pois segundo o autor, mesmo o escravo sendo vítima ele pode se tornar um carrasco, sendo seres ruins que poderiam cometer maldades com seus senhores por vingança ou raiva, sendo assim os senhores ficariam com a imagem de inocente, nesse sentido a obra declara que é necessário o fim da abolição, não porque tratar os negros como escravos é errado, e sim porque poderia ocorrer uma revolta dos escravos contra os senhores, os fazendo ter o estereótipo de pessoas ruins que podem cometer assassinatos e crimes contra as pessoas nobres.

Segundo Costa e Teixeira (2017), no decorrer do século XX, surgem escritores negros que contribuem significativamente para a literatura brasileira, trazendo suas vozes, experiências e perspectivas para o cenário literário nacional. De acordo com Costa e Teixeira (2017) o autor Machado de Assis (1839-1908) é um exemplo, pois buscou em suas obras demonstrar a realidade de todo o contexto do Brasil, apresentando uma visão objetiva sobre urbanismo do país utilizando a filosofia, desse modo ele não fez uso dos estereótipos, pois não julga os negros, e sim os coloca com participação nas histórias porém, sem evidencia deixando-os com papel de coadjuvantes. Machado de Assis foi um importante escritor realista que gostava de descrever a vida no geral, retratando questões políticas e históricas da sociedade em sua época, embora tenha enfrentado muitas dificuldades por vim de uma pobreza, e ser considerado um mestiço por ser filho de um pai pardo e uma mulher branca, o

escritor teve um papel crucial a literatura, sendo um jornalista, romancista, poeta e ter ficado na presidência na Academia Brasileira de Letras por mais de dez anos, teve muitas obras significativas para a história literária do Brasil, como por exemplo “Memórias póstumas de Brás Cubas em 1881” que inaugurou o realismo no Brasil, onde o escritor ironiza os costumes burgueses de sua época e criticava a hipocrisia e futilidade dessa classe.

Desse modo, a partir da concepção de Costa e Teixeira (2017) a aparição e representação de autores negros para a literatura brasileira teve um impacto profundo na sociedade, contribuindo significativamente para a mudança de perspectivas referente a realidade e a conscientização sobre questões raciais e a promoção da igualdade. Além disso, trouxeram suas próprias experiências e pontos de vista para a literatura, desafiando estereótipos e preconceitos arraigados sobre a comunidade negra, pois suas obras humanizaram os personagens negros, oferecendo retratos mais complexos e autênticos que ajudaram a quebrar estereótipos prejudiciais, exercendo influência sobre o pensamento público e a formação de opinião, e assim desafiando narrativas dominantes e oferecendo novas perspectivas sobre a história, a cultura e a sociedade brasileira.[A11]

Consequente, de acordo com Petrônio Domingues (2005), acontecia neste mesmo tempo o movimento da Negritude, sendo um movimento cultural, político e literário que emergiu no início do século XX, principalmente nas colônias francesas na África e no Caribe, mas que também teve repercussões em outras partes do mundo. Esse movimento foi uma resposta à opressão colonial, ao racismo e à negação da identidade negra, buscando promover a consciência racial, a valorização da herança africana e a luta pela emancipação e igualdade dos povos negros.

Por volta de 1920 surgiu no bairro negro de Nova Iorque, o Harlem, nos Estados Unidos, um movimento literário e artístico denominado New Negro (ou "Negro Renaissance"), cuja proposta cultural era "exorcizar" os estereótipos e preconceitos disseminados contra o negro no imaginário social. Ao contrário de lamentarem-se pela sua condição racial, os ativistas do movimento enalteciam a cor do povo negro em suas obras. Dentre os escritores que se destacaram, os que mais adquiriram notoriedade foram Langston Hughes, Claude Mackay e Richard Wright. Já nas ilhas do Caribe, e em particular em Cuba, foi articulado o movimento denominado negrismo cubano, tendo como principal expoente o poeta negro Nicolás Guillén. (Domingues, 2005, p.3)

Desse modo, o movimento segundo Petronio Domingues (2005), chega ao Brasil por volta de 1940, com disposição para a construção da personalidade,

consciência e identidade negra, para a literatura tornou-se significativo pois promoveu mudanças em relação a representatividade, e temas abordados nos estilos literários, ademais oportunizou voz aos escritores negros, que na época eram marginalizados ou negligenciados pela indústria editorial e pela crítica literária, suas obras possibilitaram desafiar a desconstrução dos estereótipos e narrativas dominantes sobre a população negra no Brasil, oferecendo retratos mais complexos, humanos e multifacetados de personagens negros e suas vivências. Isso ajudou a ampliar a compreensão e empatia do público em geral em relação às questões raciais, além de impactar na estética literária, e inspirar novas formas de expressão e estilos de escrita, nesse sentido os escritores exploram técnicas e narrativas inovadoras, utilizando ritmos poéticos afro-brasileiros e elementos da cultura oral em suas obras, enriquecendo o panorama literário nacional.

A ideologia da negritude é tão elástica que ainda podemos identificar sua expressão em diversas outras manifestações lúdicas e estéticas de afirmação racial: nos bailes da comunidade negra, nos grupos de dança e música afro, na proposta de alguns escritores e poetas que produzem literatura negra. Ela foi, inclusive, apropriada pela indústria cultural e transformada em produto de consumo. Casos típicos dessa tendência é o verdadeiro comércio que se instaurou das roupas que têm o padrão estético africano e os cosméticos dirigidos para o segmento negro. (Domingues, 2005, p.16).

Saliente-se ainda que o mercado editorial foi percussor de dificuldade para as literaturas afro-brasileiras, segundo Oliveira e Rodrigues (2015), o mercado reflete as barreiras estruturais e sistêmicas que perpetuam a desigualdade racial em uma sociedade com maioria de escritores brancos e culturalmente formada pelo eurocentrismo, sendo assim as oportunidades sempre foram distintas para que os negros fizessem alguma publicação, as primeiras manifestações aconteceram através do jornalismo, de modo que os próprios negros tiveram que provar aos brancos que tem honorabilidade. Diante disso foi necessário que criassem a própria editora para conseguir fazer mais publicações

Este novo movimento cultural literário não aceitava ou buscava meramente reproduzir o discurso etnocêntrico vigente; ao contrário, deseja promover e revelar autores negros, que se assumem e escrevem como negros. Esta iniciativa foi vital para o fortalecimento da literatura afro-brasileira, em especial no que diz respeito não só à poesia e ao conto, mas também ao romance. (Oliveira; Rodrigues, 2015, p.14).

Tanto a imprensa negra fortaleceu o movimento de resistência negra, como a produção literária, muitos estudantes negros que conseguiram entrar nas escolas e na academia tinha nessa literatura afro-brasileira um alento, força e esperança de continuar na luta por reconhecimento e direitos para população negra.

Conforme Lima e Almeida (2018) nos dias atuais encontram-se muitos escritores que representam a história e cultura afro-brasileira, contribuindo pela inclusão de literaturas na sociedade, enriquecendo as opções no mercado editorial com suas narrativas, reflexões e experiências únicas. Ainda mais, encontra-se hoje editoras no Brasil que se dedicam a promover e valorizar a literatura afro-brasileira, publicando obras de autores negros e/ou que abordam temáticas relacionadas à cultura afro-brasileira, como a editora Mazza fundada em 1981, que se dedicou à publicação de obras que reflitam a diversidade étnica e cultural, outro exemplo da contemporaneidade seria a editora Malê que foi fundada em 2015, e tem como objetivo publicar autores negros brasileiros e africanos, contribuindo para a valorização da literatura afro-brasileira e africana. Após estes movimentos muitos autores da contemporaneidade estão produzindo literaturas com exposição de personagens negros, tanto na escrita da história como também como personagens principais e autênticos que referenciam a cultura afro-brasileira, e principalmente a identidade e a inclusão dessas literaturas no contexto escolar.

Após todo percurso para a inclusão de autores negros e suas obras na literatura, surge então a necessidade da literatura voltada ao público infantil segundo Castilho (2004) a literatura infantil surge no século XVIII, após a sociedade burguesa perceber a criança como indivíduo que necessitava de uma educação adequada a sua idade, a partir disso, as crianças tem acesso as literaturas estrangeiras que eram traduzidas e adaptadas. No Brasil era mais utilizado as literaturas dos Irmãos Grim e Lewis Carroll, enquanto as crianças da classe popular utilizavam mais as histórias de folclore brasileiro que eram repassadas dos mais velhos para os mais novos, na tradição oral.

Nesse sentido a literatura conforme seus avanços se tornaram necessária para possibilitar nas crianças a imaginação, o desenvolvimento de empatia, respeito e também sendo utilizada como modo de distração para as crianças. Em vista disso, Monteiro Lobato em 1921 foi o primeiro a contribuir com escritas literárias para o público infantil, porém ainda sim foi, devido ao seu contexto histórico e cultural, que

era extremamente preconceituoso, acaba se refletindo nas suas escritas preconceituosas quanto aos negros, como demonstrado por Castilho (2004):

A literatura infanto-juvenil brasileira, enquanto produto nacional, tem início com Monteiro Lobato. Percebe-se nas obras desse autor a continuidade da tendência da literatura para adultos: preocupação com questões nacionais, sociais, morais. Em relação ao negro, os preconceitos e estereótipos também foram transpostos da literatura dos adultos para a literatura infantil. (Castilho, 2004, p.108).

Esse autor não levou em consideração o seu contexto histórico e cultural de uma época em que o preconceito racial era muito forte no nosso país, refletindo-se na forma como Monteiro Lobato introduziu personagens negros como Tia Nastácia, Saci Pererê e Tio Barnabé, personagens esses que colocavam o negro como trabalhador para o branco, retratando ainda sim o estereótipo de inferioridade, e mostrou o personagem saci Pererê como um garoto negro que demonstrava um caráter duvidoso pois era muito travesso e brincalhão, indiciando que o negro não seria de confiança. Desse modo, apesar de suas escritas tornarem-se fundamentais para a literatura brasileira, não poderia deixar de lado o quanto foram prejudiciais à identidade das crianças negras.

Sabe-se que a literatura infanto-juvenil, em termos gerais, ajuda as crianças, além de outras coisas, a construir sua identidade. Num processo de transferência, os pequenos se colocam no lugar dos heróis e vivenciam as sensações dos personagens. Sentimento de inferioridade e auto rejeição são as consequências mais comuns na autoestima da criança que não se reconhece nas histórias contadas pelos livros. Todos querem e precisam sentir-se aceitos pelo seu grupo e pela sociedade. (Castilho, 2004, p. 108-109).

Nesse contexto, a literatura tem o papel de contribuir para o resgate de invisibilidade causado pelo capitalismo que girava em torno da cultura eurocêntrica, e também da ressignificação do negro nas histórias infantis, que não apareciam em contos dos Irmãos Grimm por exemplo, como também em muitos outros livros que ficaram conhecidos no universo infantil em que todos os personagens eram brancos. Nesse sentido, as literaturas com personagens distintos e que abordam histórias que ofereçam cultura, realidade e conhecimentos novos, devem ser trabalhadas, principalmente, nas instituições de ensino, pois é onde acontece os primeiros contatos

entre crianças, oportunizando que desde dos primeiros momentos seja trabalhado o respeito às diferenças, e a identidade, conforme Gomes (2002) expõe:

Pensar a relação entre Educação e identidade negra nos desafia a construir, juntos, uma pedagogia da diversidade. Além de nos aproximarmos do universo simbólico e material que é a cultura, somos desafiados a encarar as questões políticas. Torna-se imprescindível afirmar que, durante anos, a sociedade brasileira e a escola distorceram e ocultaram a real participação do negro na produção histórica, econômica e cultural do Brasil, e, sobretudo, questionar os motivos de tal distorção e de tal ocultamento. Ao caminharmos nessa direção, inevitavelmente o negro será colocado no lugar do sujeito que ele realmente é; e poderemos considerar a árdua luta das famílias negras na reprodução da sua existência, na luta contra o racismo, na recriação da cultura, na construção da religiosidade. (Gomes, 2002, p. 43)

Dessa forma, após a lei 10.639/2003 que tornou obrigatório o ensino da história e cultura da África e do negro no Brasil, os currículos das escolas, a literatura infantil com exposição negra começou a ser mais escrita, nesse sentido coexiste nos dias atuais, um número crescente de escritores de literatura infantil que se dedicam a criar obras com personagens negros, promovendo a diversidade nas narrativas. Desse modo a exposição de literaturas que retratam personagens negros de maneira positiva e incentivadora desde a infância pode ajudar a desconstruir estereótipos e preconceitos raciais. Isso promove uma visão mais inclusiva e respeitosa da diversidade humana, ajudando a combater o racismo desde os primeiros momentos ao ter contato com a leitura.

2.3 A questão indígena na literatura

De acordo com Barreto (2021), desde a chegada dos portugueses na América os indígenas foram objetos de exploração aparecendo em livros, cartas e documentos, nesse sentido, a partir do momento em que os portugueses chegaram e “descobriram a América” que posteriormente seria o Brasil, decidiram explorar um novo mundo, e assim viram os indígenas como seres exóticos e diferentes que precisavam ser investigados, pois não foram considerados seres civilizados, um exemplo desta demonstração seria “A Carta de Pero Vaz de Caminha” que apresentou trechos como:

E o Capitão-mor mandou em terra no batel a Nicolau Coelho para ver aquele rio. E tanto que ele começou de ir para lá, acudiram pela praia homens, quando aos dois, quando aos três, de maneira que, ao chegar o batel à boca do rio, já ali havia dezoito ou vinte homens. Eram pardos, todos nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Nas mãos traziam arcos com suas setas. Vinham todos rijos sobre o batel; e Nicolau Coelho lhes fez sinal que pousassem os arcos. E eles pousaram. Ali não pôde deles haver fala, nem entendimento de proveito, por o mar quebrar na costa. Somente deu-lhes um barrete vermelho e uma carapuça de linho que levava na cabeça e um sombreiro preto (Brasil, s/d, p. 2).

Após a carta, durante o século XVII e XVIII surgiu a curiosidade de muitos escritores europeus viajantes que precisavam registrar os indígenas, que para eles eram objetos de estudo, nesse sentido foram realizados muitos materiais utilizando a imagem dos indígenas conforme Santos (2009) aponta:

Diante do quadro multiforme, produziu-se um material farto, oriundo dos viajantes e cronistas, que descreveram uma realidade vista pelo ângulo de quem aqui aportou com o intuito de explorar, tal como a Carta de Achamento, de Pero Vaz De Caminha; o Diário de navegação, de Pero Lopes e Sousa, escrivão de Martim Afonso de Sousa; o Tratado da Terra do Brasil e a História da Província de Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil, de Pero Magalhães Gândavo; o Tratado descritivo do Brasil, de Gabriel Soares de Sousa; os Diálogos das grandezas do Brasil, de Ambrósio Fernandes Brandão; as Cartas dos missionários jesuítas escritas nos dois primeiros séculos de catequese; o Diálogo sobre a Conversão dos gentios, do Pe. Manuel da Nóbrega; a História do Brasil, de Frei Vicente do Salvador, dentre outros. (Santos, 2009, p.18)

Conforme menciona Santos (2009), a partir dessas obras documentais com objetivo de passar informações sobre as terras brasileiras, abriu-se as portas para narrativas de escritores que queriam observar e escrever sobre a cultura primitiva que existia no território. Ao olhar dos portugueses surgiram os primeiros estereótipos em relação aos indígenas como um ser bárbaro, que deveria ser domesticado por não ter a fé que os colonizadores tinham, dessa forma os indígenas sofreram a imposição da cultura europeia que decidiu que eles deveriam ser catequizados com objetivo de torná-los cristão, e possuir de forma gratuita a força de trabalho deles, para logo após escravizá-los, além de serem colocados em cativeiros, e sua língua nativa ser interpretada como algo ruim, sendo assim os europeus modificaram o significado da língua nativa para enganar os indígenas e se aproximaram, porém muitas aldeias indígenas não aceitaram essa imposição o que ofertou o começo de lutas e um enorme extermínio aos indígenas.

De acordo com Carvalho (1997), o indígena aparece como personagem nas literaturas apenas no século XVIII, pela poesia épica de Basílio da Gama “O Uruguai

(1769)” neste poema o autor não expõe a cultura indígena e sim as lutas e missões em defesa das terras, com objetivo de atacar os jesuítas, considerando que a culpa do massacre indígena tenha sido principalmente dos jesuítas, ainda assim, os indígenas são colocados como personagens secundários na narrativa apesar de serem importantes na obra, nesse sentido por mais que o indígena seja colocado na narrativa mostrando a sua resistência perante os europeus, ele ainda é desprezado, pois, os europeus são o real motivo da poesia por demonstrar uma questão política sendo uma luta de Portugal e Espanha contra os jesuítas e indígenas.

Ademais, Carvalho (1997) também cita outras obras em que o indígena começa a aparecer como “Caramuru” de Santa Rita Durão, que invés da poesia “O Uruguai” no qual aparece uma contraposição dos indígenas aos europeus, em “Caramuru” a poesia retrata a identificação entre indígena e colonizador, narrando a história do Brasil, mostra o indígena como um ser pacífico e romantizando a relação dos indígenas com o europeu.

Por conseguinte, Carvalho (1997) afirma que no romantismo chega o indianismo através do manifesto da revista Niteroy que mostrava o indígena na literatura como uma representatividade que definiria a nação, assim, o indígena começa a aparecer em poemas de Teixeira e Souza, José de Alencar entre outros que buscavam fazer a corrente indianista assumir importância no país, no entanto, esta corrente não foi vista com valor cultural, por não ser considerada histórica e política, e sim, lembrada como a tragédia que os indígenas sofreram na época da colonização, além disso, foi mantido a exaltação dos brancos nas obras.

Na sequência, Carvalho (1997) afirma que no realismo as literaturas aparecem em uma versão crítica ao país e quase não se encontra indígenas nas narrativas, desse modo, mesmo José Veríssimo e Inglês de Sousa escrevendo o livro “Contos Amazônicos” procurando rever os traços das populações indígenas e a cultura local. O livro não repercutiu como eles gostariam desse modo, durante o realismo começa a aparecer os estudos etnográficos e folclóricos. Após isso, no modernismo mantém a ideia folclórica e o indígena só volta a aparecer nas obras de João Guimarães Rosa e Darcy Ribeiro pois, trabalham em suas obras literárias a antropologia com um tratamento ficcional, mostrando também a cultura amazônica e como os indígenas vivem e se comportam, representando também a importância de manter a cultura e a linguística no Brasil (Carvalho, 1997).

A partir disso, após anos os indígenas sendo expostos nas literaturas por outros autores, surgem então algumas questões referente à literatura indígena que havia sido negada por séculos e foi somente considerada no século XXI. Nesse sentido, Graúna (2019) expõe que há diferentes conceitos sobre a literatura indígena, pois nas escritas se encontram o “indianismo” e o “indigenismo”. Entende-se por Indigenismo as literaturas escritas por autores que não são indígenas, e o indianismo seria as literaturas inspiradas [A20] nas características e vida dos indígenas da América, dessa forma a literatura indígena só pode ser considerada quando escrita por um indígena, pois para eles é um meio de expor sua cultura, ancestralidade e realidade vivida nas aldeias.

Assim, Graúna (2019) ressalta que a literatura indígena seria um fenômeno cultural, pois é através dela que os indígenas mostram seu lugar de pertencimento e representatividade, podendo utilizá-la como uma expressão de luta, pois demonstram sua visão de mundo e valorização cultural, mostrando que são dignos de respeito, nesse sentido, a literatura indígena também vai ser utilizada para manifestar questões políticas e as empresas multinacionais que ligadas às elites do campo, ignoram a existências dos indígenas, conforme Krenak (2018) expõe:

meu pensamento acerca da relação que o Estado brasileiro mantém com as nossas tribos. Lembro, em primeiro lugar, que as raízes da história do Brasil estão fundadas na guerra de conquista do Estado se consolidando em cima dos nossos territórios, tomando os nossos lugares de riqueza e de fartura e nos reduzindo a lugares que são chamados de parques, reservas, aldeias ou terras indígenas. Isto já é uma redução absoluta do sentido de liberdade, de soberania e de qualidade de vida que o nosso povo sempre experimentou e viveu durante gerações e gerações. Perder os territórios, perder a tranquilidade e perder o sossego foi o fruto para o nosso povo desta construção do Brasil, sendo que muitas das nossas tribos pagaram com suas vidas este processo de construção da nação brasileira. [...] Não fizemos isto de livre e espontânea vontade, pois fomos esbulhados na maioria das vezes por relações de desigualdade e de roubo. Todos reconhecem a importante contribuição que as sociedades indígenas, que o nosso povo deu e continua dando [...]. (Krenak, 2018, p.28)

O próprio Estado brasileiro ao longo da história não reconheceu as nações indígenas e sua pertença territorial, provocando diversas atrocidades para se apropriar da terra, retirar os povos indígenas de seu habitat, gerando conflitos, mortes, doenças e miséria. Salienta-se ainda que por décadas a produção cultural indígena só conseguiu se destacar pelos seus próprios esforços, segundo Graúna (2019, p.116):

O livro de autoria indígena é fruto da consciência de que somos um na luta pelo reconhecimento, pela recuperação do território, pelo fortalecimento cultural, pela afirmação identitária, pelo respeito às diferenças, pelo fortalecimento dos povos indígenas.

Nos últimos anos algumas lideranças indígenas organizaram o movimento indígena, se qualificaram academicamente e passaram a escrever sobre sua história, lutas, conquistas, culturas e a necessidade da organização do movimento indígena. Desta mesma forma, Daniel Munduruku (2019) destaca que a escrita é uma conquista para a maioria dos 305 povos indígenas, sendo um resgate da memória e ancestralidade, herdados pelos avôs e passados de geração para geração, dessa forma para ele a escrita é uma técnica que pode ser utilizada a favor dos povos indígenas, expondo que

O papel da literatura indígena é, portanto, ser portadora da boa notícia do (re)encontro. Ela não destrói a memória na medida em que a reforça e acrescenta ao repertório tradicional outros acontecimentos e fatos que atualizam o pensar ancestral (Munduruku, 2019, p.83)

Do mesmo modo, eventualmente a literatura indígena infantil também foi alvo de mudanças e reajustes nas escritas para ser incluída de forma positiva na sociedade e passar os conhecimentos culturais ressignificando a identidade indígena, pois as primeiras obras que as crianças tinham contato referente a ideia de como é ser indígena eram baseadas em lendas, pois segundo Bonin (2007) as lendas eram consideradas como representatividade de cultura, pois as histórias eram transmitidas oralmente com fantasias que mexiam com a imaginação das pessoas, sendo chamadas também de folclore, com objetivo de misturar fatos reais com ficção, entretanto, o fato das lendas representarem de certo modo a cultura não as tornam favorável para a identidade indígena verdadeira, Bonin (2007) destaca que:

sabemos o que é ser brasileiro devido ao modo como esta identidade é representada e nos reconhecemos como brasileiros a partir de um conjunto de discursos que constituem esse pertencimento. Para a produção de identidades nacionais é necessário um investimento contínuo, já que não se trata de algo natural e sim de um pertencimento forjado na cultura. Uma das estratégias utilizadas para fixar esse pertencimento à nação é a ênfase nas origens e a produção de “mitos fundacionais”, narrativas que buscam estabelecer a coesão e a unidade, apagando conflitos e contradições e instituindo a base sobre a qual se edifica uma história oficial. No caso da nação brasileira, essa “origem” é narrada como resultado de um encontro supostamente harmonioso entre europeus, africanos e indígenas. Nessa perspectiva, acentuam-se atributos que teríamos “herdado” dessas matrizes. (Bonin, 2007, p. 6)

Nesse sentido, entende-se como é importante indagar os conteúdos referente à literatura produzida por indígenas, e observar como estar exposto a cultura e a herança deixada pelos povos indígenas, poderá ajudar numa nova relação com o meio ambiente, com as diferentes culturas e a superação das desigualdades sociais. Desse modo, desde a implementação da lei nº 11.645 sancionada em 2008, obrigando juntamente ao ensino de História e Cultura Afro-Brasileira a temática Indígena, que a partir disso, as literaturas com autoria indígena ganharam seu espaço possuindo formas de narrar e mostrar a cultura indígena ressaltando a identidade e representando de fato os indígenas.

Assim, de acordo com Bonin (2015) nas literaturas indígenas infantis possuem três estratégias de representação para as crianças, a primeira seria a afirmação da pertença étnica dos personagens, aliado a contextualização da narrativa, a segunda seria o posicionamento da criança sendo um sujeito ativo, que age, vive, sente, escuta e cria e a terceira a afirmação da memória e do lugar de aprendizado da criança.

Desse modo, é fundamental o uso da literatura indígena desde as séries iniciais, para que conheçam a pluralidade cultural e o reconhecimento das contribuições de muitas etnias que constituem a cultura brasileira. É importante a inclusão de literaturas indígenas nas escolas, conforme Thiél (2016) aponta “A divulgação da literatura nativa e a inclusão da literatura indígena infantil/juvenil nas escolas permite a interação com os muitos outros que pertencem às etnias indígenas brasileiras e com histórias que documentam saberes ancestrais” (Thiel, 2016, p.91).

As crianças não indígenas precisam compreender a existências desses povos nos dias atuais, sua forma de vida, lutas para sobreviver e defender a natureza. Além disso, as narrativas indígenas buscam motivar a leitura através de ilustrações e desenhos gráficos que valorizam elementos rítmicos e performáticos. Thiél (2016) destaca ainda que os grafismos indígenas constituem a demonstração de cultura através das características culturais mostradas, desse modo os recursos visuais fazem a diferença nas narrativas, pois o enredo nos desenhos leva o leitor a significados de interação entre palavra e imagem.

Assim, a partir da representação visual e gráfica de seu potencial imaginativo, o narrador indígena amplia a latitude e a longitude de seu olhar sobre o mundo e recorre à imaginação como forma de se relacionar com o real, projetando-o ou reformulando-o (Thiel,2016, p.93)

De acordo com o escritor indígena Daniel Munduruku em uma entrevista com Ana Carolina Cernicchiaro, em 2017, sobre a relação da narrativa e a cultura indígena, Daniel Munduruku respondeu da seguinte forma:

Eu procuro, na verdade, talvez essa tenha sido a razão do sucesso dos meus livros, trazer uma linguagem para a literatura infantil e juvenil que é muito próxima da narrativa oral, próxima à oralidade. Os meus escritos são falados, praticamente. As pessoas conseguem me escutar quando leem meus livros. Elas não apenas me leem, mas me escutam também. É claro que a temática vai nessa mesma corrente, porque, embora tenha escolhido o público infantil e juvenil para conversar sobre a cultura indígena, eu, na verdade, escrevo para todo mundo. Eu escrevo para as infâncias que moram nas pessoas. Então acho que os temas que eu escrevo são todos temas universais, embora utilizando uma linguagem que a criança entenda e os adultos, na sua infância, também possam entender. É assim que trabalho a questão do tempo, a questão da territorialidade, questões ligadas a nossas demandas, questões que têm a ver com educação, com saúde. Eu procuro falar com as pessoas numa linguagem fácil, sem perder essa ideia de que eu estou em uma grande roda de conversa, conversando com elas (Munduruku: entrevista [jan.2017]. entrevistador: Cernicchiaro, 2017, p. 21)

Nesse sentido, a literatura indígena busca uma real interação com o leitor, ressignificando a cultura indígena, que antes era vista como lendas e folclore ou trabalhado nas escolas apenas no dia dos indígenas, hoje na contemporaneidade se encontram diversas literaturas com características reais dos indígenas e que contam narrativas que enaltecem a questão da ancestralidade, identidade e pertencimento a uma das etnias que compõem a cultura brasileira, antes mesmo de chegar a cultura europeia no Brasil.

2.4 A literatura infantil étnico-racial

Pensar em literatura é saber que ela é uma expressão artística que representa a sociedade, nesse sentido a literatura infantil além de ser representativa para as crianças durante toda a sua infância, ela também compõe as atividades pedagógicas nas escolas, segundo Almeida e Almeida (2018) os contos de Fadas considerados clássicos da literatura infantil foram histórias contadas e recontadas várias vezes oralmente, e um dos primeiros escritores a fazer adaptações escritas foram os Irmãos Grimm, porém seus personagens eram todos brancos já que os irmãos procuravam contos em viagens pelas regiões da Alemanha, sendo assim os contos foram uma das

primeiras literaturas realizadas com foco infantil. De acordo com Almeida e Almeida (2018) pode-se dizer que alguns professores também procuraram escrever livros infantis com objetivo de estabelecer padrões comportamentais que eram exigidos pela sociedade.

Desse modo após as literaturas serem inseridas nas escolas criou-se um vínculo educacional, pois os professores passaram a utilizar para passar mensagens de educação, comportamento e também para explorar o campo imaginário, porém essas literaturas não representavam a todos, pois não haviam personagens negros sendo protagonistas da história e não se encontravam literaturas com abordagens e narrativas indígenas, e eram muito pouco o resultados de representações indígenas nas literaturas, pois apenas se encontrava através de lendas e folclore.

Diante disso, entende-se que o texto literário deve ser aliado a construções estéticas que mostrem diferentes características físicas, pois a literatura convida o leitor a conhecer distintas formas de vida humana, sendo assim abordar dessemelhantes matrizes estéticas e culturais dos povos que constitui o país como negros, indígenas e europeus é fundamental para que aja uma inclusão e para que todas as crianças tenham a possibilidade de ser representadas e se sentirem bem com suas características físicas, podendo ter uma autoestima mais elevada, em outras palavras:

Ao ouvirmos a frase “Era uma vez, há muitos e muitos anos atrás...”, lembramos dos momentos de adentrar em um mundo fantástico, repleto de magia, beleza e heroísmo. Nós, meninas, sonhávamos em ser como a Cinderela, ou a Rapunzel, entre tantas outras princesas da literatura canônica. No entanto, desde pequenas, já percebemos que nossos cabelos crespos e nossas outras características fenotípicas não permitiriam que fôssemos parecidas com aquelas princesas que nos eram apresentadas como referenciais de beleza. Assim, tínhamos, por vezes, a não aceitação do nosso cabelo crespo, do nariz largo e da nossa cor. (Silva; Silva; Silva, 2020, p. 178).

Essa situação apresentada pelas autoras foi vivida por inúmeras meninas negras, em muitos momentos, visto que não existiam literaturas com princesas negras, de cabelos cacheados, esse padrão branco de beleza gerou rejeição, sofrimento, discriminação e negação.

Um dos primeiros escritores a contribuir com a literatura infantil no Brasil foi Monteiro Lobato, conforme Erica Silva, Núbia Silva e Patrícia Silva (2020) pontuam o autor trouxe elementos que retratam a nacionalidade brasileira, porém os personagens negros refletiram questões ideológicas que eram presentes na

sociedade, assim sendo os personagens eram atribuídos a estereótipos de posições subalternizadas pois todos eram trabalhadores de personagens brancos.

Por conseguinte, segundo Sales (2022) a autora Ana Maria Machado foi umas das precursoras em narrativas literárias com temáticas antirracistas e representação indígena, ganhando inclusive o prêmio de literatura infantil o Hans Andersen, em suas obras como a *Menina Bonita de Laço de Fita* (1986) e o *Menino Poti* (1982). São exemplos de narrativas que buscaram desconstruir estereótipos e trabalhar a questão da empatia e olhar sensível utilizando as temática afro-brasileira e indígena, colocando personagem negro e indígena como protagonista da história.

Desse modo, após a modificação da Lei nº 10.639 de 9 de janeiro de 2003, para a Lei nº 11.645, em 2008, que obteve o reconhecimento dos indígenas para o processo de ensino, incluindo obrigatoriamente o ensino da temática indígena junto a História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, permitiu que fossem produzidos mais materiais didáticos sobre essas temáticas. As Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana apresentam diversas orientações de conteúdos para serem abordados e também no Estatuto de Igualdade Racial, Lei Nº 12.288, de 20 de julho de 2010, garante, segundo o art.11: “Os conteúdos referentes à história da população negra no Brasil serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, resgatando sua contribuição decisiva para o desenvolvimento social, econômico, político e cultural do País” (Brasil, 2010, p. 16).

Após isso as literaturas passaram a ser mais escritas por autores negros e indígenas, com o intuito de trabalhar as relações étnicas-raciais e a diversidade, pensando também na educação das relações étnico-raciais e como seria importante o uso destas literaturas. Segundo Erica Silva, Núbia Silva e Patrícia Silva (2020) durante muito tempo as literaturas infantis não traziam em suas narrativas representações da diversidade e identidade cultural que compõe toda a sociedade, nesse sentido as crianças negras não tinham referência de beleza e desejavam fazer parte da cultura semelhante ao que era mostrado nos livros, fazendo com que ficassem com autoestima baixa e quisessem mudar sua própria identidade, como por exemplo as meninas que alisam os cabelos.

Para os indígenas poder escrever suas próprias histórias além de ser importante para trabalhar a identidade cultural também é uma ressignificação de muito tempo de apagamento cultural, sendo assim, de acordo com Leno Danner, Fernando

Danner e Julie Dorrico (2021) é por meio da literatura que a voz-práxis dos escritores indígenas constituem e dinamizam para si e para a sociedade não indígena a reconstrução e autoafirmação de sua étnico-antropologia, pensar em voz-práxis é entendê-la como uma manifestação pela voz, um movimento indígena enquanto sujeito político-cultural participando da arte, política e educação. Nesse sentido, a literatura indígena é um instrumento político, de acordo com suas perspectivas pedagógicas, pode-se entender como voz-práxis, a voz em prática ou em ação, pois para os indígenas poder escrever é uma forma de resistência e crítica social. Segundo Leno Danner, Fernando Danner e Julie Dorrico (2020):

Com isso, a voz-práxis estético-literária adquire, nas minorias e para elas, um sentido direto e pungentemente político, como crítica social e resistência e luta políticas, em que a lembrança e a elaboração da condição de minoria é, ao mesmo tempo, um impulso auto reconstrutivo e emancipatório de autoconsciência e de posicionamento público, da explicitação de quem se é e de como se vive, tudo isso sem representações e mediações institucionalistas e cientificistas. (Danner; Dorrico; Danner, 2020, p. 208)

Partindo disso, a literatura com representatividade negra e indígenas nas escolas se torna fundamental para uma educação das relações étnico-raciais, sendo uma ressignificação de escrita ressaltando a identidade e cultura que por muito tempo não foi utilizada nas escolas, são pontos de destaque nas literaturas afro-brasileiras e indígenas a questão da ancestralidade, memória e valorização estética. Em vista disso, para a cultura afro-brasileira a ancestralidade, de acordo com Oliveira (2023), significa traçar a linha do tempo e dos valores ao longo dos séculos, revendo as práticas culturais e reconhecendo a força ancestral, nesse sentido a ancestralidade é um conjunto de tradições, religiões e manifestações culturais que reforçam a identidade africana. Dessa forma, o resgate da memória afro-brasileira não é só importante para os negros, mas também a todos que pertencem a outras ascendências étnicas, pois revendo a ancestralidade nas escolas reforça uma educação sem preconceito e com respeito a diversidade cultural.

Para Melo e Costa (2019) que trazem a contribuição da indígena Eliane Potiguara sobre a ancestralidade, pois para ela constitui rever a cultura dos povos originários, sendo um fenômeno que passa de geração para geração através da contação de histórias, nesse sentido a oralidade é a característica fundamental da cultura fortalecendo os laços familiares e espirituais tornando-se assim um fortalecimento da identidade indígena.

De acordo com as Orientações Pedagógicas (2012), do Artigo 26 da LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) Lei 9.394/1996 dispõe que para superação da discriminação racial é necessário que aja um reconhecimento da reparação e promoção da diversidade étnico-racial, para isso “a educação básica deve oferecer às populações afrodescendente e indígena políticas e ações de reconhecimento, reparação e valorização de sua história, cultura e identidade” (DISTRITO FEDERAL, 2012, p.28). Diante disso, o reconhecimento que existe racismo, preconceito e discriminação no cotidiano escolar, remete que deve haver mudanças referentes ao currículo escolar e a forma em que os/as professores/as trabalham, devendo oferecer eventos que pratiquem reflexões e questionamentos sobre as relações étnico-raciais, decorrente a isso uma maneira seria buscar identificar as contribuições do povo africano e indígenas na construção do conhecimento e participação cultural do país, reforçando a valorização e o respeito as pessoas negras e suas ascendências africanas, bem como, os povos indígenas e suas ascendências culturais, promovendo assim, uma igualdade racial e valorização da identidade africana e indígenas na constituição nacional brasileira.

Segundo as Orientações Pedagógicas (Brasil, 2012) uma sugestão de atividade escolar para a construção de uma educação antirracista é o uso de temáticas pedagógicas cotidianas como uso de livros que apresentem autores e leituras que vão além dos clássicos europeus, principalmente, a literatura infantil étnico-racial, desde a educação infantil que tem importante papel para a sociedade, pois é onde começa a socialização e convivência de forma que as crianças notem as semelhanças e diferenças umas das outras, desse modo trabalhar com literatura infantil que mostrem personagens indígenas e negros como protagonistas é fundamental para valorização da identidade das crianças, no cotidiano escola. Assim, é possível utilizar literaturas europeias, outras africanas e indígenas e assim praticar a ludicidade e o incentivo imaginário de forma que todos participem e se sintam incluídos no contexto escolar, reforçando a questão de empatia e respeito ao próximo.

3. METODOLOGIA

A metodologia utilizada para a construção deste trabalho é de caráter descritivo e qualitativo, com base em pesquisa bibliográfica e documental com análise de oito (8) livros de literatura infantil. Com base na análise de conteúdo qualitativa foram destacadas as categorias de identidade e cultura.

Este trabalho teve como finalidade geral analisar obras literárias infantis afro-brasileiras e indígenas, e suas contribuições significativas para as crianças, buscando demonstrar como a literatura infantil étnico-racial cria um espaço inclusivo, de respeito à diversidade. Os objetivos específicos foram: identificar como a cultura afro-brasileira e indígena está representada na literatura infantil étnico-racial; estudar a questão da literatura negra e indígena e seu percurso até a literatura infantil afro-brasileira e indígena; problematizar como a literatura infantil étnico-racial pode criar um espaço inclusivo de respeito à diversidade no ambiente escolar; examinar oito obras literárias infantis afro-brasileiras (4) e indígenas (4), suas características, como os personagens estão inseridos e como a história está sendo contada pelos/as autores/as.

Assim, foram escolhidas obras literárias infantis que estejam representando os povos indígenas e negros de forma positiva, nesse sentido foram analisadas 4 obras com personagens negros e 4 obras com personagens indígenas, sendo elas:

***Meninas Negras*, escrita por Madu Costa e publicado em 2010 pela editora Mazza:** destinado à primeira infância, ao ensino fundamental I, trata-se de uma história que fala sobre de 3 meninas negras, ressaltando na narrativa que cada uma possui sua personalidade, dessa forma quando elas aprendem sobre sua ancestralidade africana cada uma se identifica de maneira diferente e juntas elas sonham com a mãe África. O objetivo do livro é trabalhar a identidade afrodescendente, mostrando a ancestralidade do povo africano de forma alegre e poética, nesse sentido o livro busca reforçar a autoestima e a identidade da criança, valorizando a cultura, cor, e as características físicas e psicológicas.

***As tranças de Bintou*, escrita por Sylviane Anna Diouf e publicado em 2004 pela editora Cosac Naify:** conta a história de uma menina que sonhava em usar tranças no cabelo assim como sua irmã, no livro é mostrado a relação de Bintou com seu cabelo e aparência, nesse sentido sua avó a ensina várias coisas relacionadas a costumes africanos e o porque ela não pode usar tranças ainda, já que as tranças são para as meninas mais velhas e as crianças não devem se importar com a vaidade e

sim aproveitar a infância, assim Bintou passa a gostar do seu cabelo e amá-lo do jeito que é. O livro trabalha a questão da identidade e autoestima ressaltando os costumes, tradição e ancestralidade do povo africano.

***Betina*, escrito por Nilma Lino Gomes e publicado em 2011 pela editora Mazza:** conta a história de Betina e sua forte relação com sua avó que cuidava dos seus cabelos e os trançava, juntas elas passavam o tempo e sua avó contava muitas histórias, Betina amava as tranças que faziam sucesso na escola e ela muito orgulhosa dizia que quem fazia era sua avó, o tempo passa e chega a hora de sua avó se encontrar com os ancestrais, no livro mostra o crescimento de Betina e quando adulta ela resolve ser cabeleireira sendo dona de uma salão com especialidade em penteados afros, desse modo o livro trabalha a questão de autoestima sendo o cabelo um símbolo de identidade e uma linguagem de expressão da valorização dos traços afros herdados por muitas crianças.

***O Menino Marrom*, escrito por Zivaldo Alves Pinto e publicado em 1986 pela editora melhoramentos:** destinado ao fundamental I, mais precisamente ao 4º e 5º ano, trata-se de uma história de amizade entre o menino marrom e o menino cor de rosa, o livro procura trabalhar na narrativa temas referente às diferenças, comportamentos, curiosidades e valores humanos, além disso na narrativa é apresentado as características de cada um e como eles formam a própria identidade, no livro a vários pontos mostrados ao longo da história como as diferenças humanas e que amizade verdadeira não liga para aparências físicas. Desse modo a narrativa trata de uma reflexão sobre a importância da amizade e a questão da identidade, ressaltando que as pessoas são diferentes e assim trabalhando a questão da diversidade étnico-racial.

***Kabá Darebu*, escrito por Daniel Munduruku e publicano no ano de 2002 pela editora Brinque-Book:** o livro conta a história na visão do menino Kabá, que vai apresentando e falando sobre a cultura de sua aldeia que mora na floresta amazônica, ressaltando a ancestralidade e mostrando os detalhes de como eles vivem, a rotina deles, as comidas, brincadeiras e características da tribo como as pinturas, instrumentos musicais e roupas. Nesse sentido o livro trabalha a cultura e a ancestralidade, mostrando também como é composto a identidade dos indígenas.

***As aventuras de Wiraí*, escrito por Wilson Marques e publicado no ano de 2018 pela editora Kit's:** conta a história do menino Wiraí, que faz parte da aldeia tenerehara habita nas regiões amazônicas, na narrativa é apresentado a trajetória de

Wiraí que se perde na selva após não obedecer a sua mãe e assim ele recorre a ajuda dos animais da floresta para conseguir voltar para casa. O livro mostra a relação dos indígenas com a natureza, apresentando ilustrações bem semelhantes às reais, trabalhando a identidade e expressões materiais das tribos indígenas.

Abaré, escrito por Graça Lima, publicado no ano 2009 pela editora Paulus: o livro conta exclusivamente com ilustrações mostrando a relação do menino com a natureza, de início é falado que o significado de Abaré é amigo em tupi-guarani, nesse sentido mostra um dia de aventura de um indígena e sua relação com a natureza e os animais, considerando que todos que habitam a natureza são abarés, o livro deixa aberto a imaginação, podendo ser contada a histórias de várias formas. Nesse sentido, ele trabalha a cultura e a relação de empatia e amor à natureza, mostrando a relação do indígena com os animais.

O menino Poti, escrito por Ana Maria Machado e Claudius, publicado no ano de 1982 pela editora Salamandra: a história se passa pela amizade e cuidado do menino Poti por um filhote de macaco que ele ajuda, após uma jornada que o menino estava fazendo de pegar bananas para a aldeia o garoto se depara com o macaquinho que se machuca e o resgata, no caminho o macaquinho come algumas bananas, mas o menino não liga e continua cuidando do macaquinho. Nesse sentido, o livro trabalha a questão da cultura e também a relação de respeito e empatia dos indígenas e o meio ambiente, mostrando os hábitos dos indígenas em seu cotidiano.

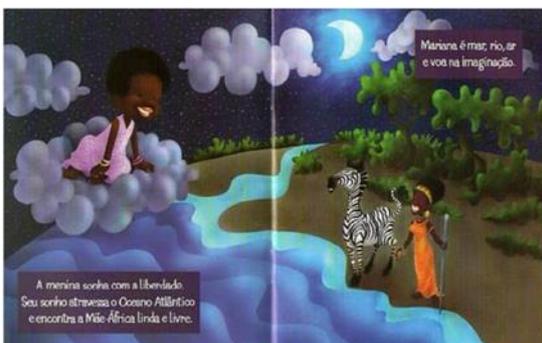
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na literatura infantil que foram analisadas foi notável uma mudança significativa referente a representatividade de personagens negros e indígenas, que ao invés de aparecerem como personagens secundários e sendo base de estereótipos, aparecem como protagonistas das narrativas expondo linguagens para o melhoramento da autoestima e da identidade, tonando-se instrumentos para a construção social, histórica e cultural das crianças. Nesse sentido, são literaturas que tem como objetivo trabalhar a educação das relações étnico-raciais, contribuindo para o entendimento das diferenças e da importância do respeito e empatia, além de passar o reconhecimento da cultura indígena e afro-brasileira pertencentes ao país.

4.1 Identidade

No livro *Meninas Negras* percebe-se que é bem trabalhado a questão da identidade, pois cada personagem possui em evidência seu nome e suas características e gostos, passando a mensagem de pertencimento ao povo afro-brasileiro, como por exemplo no trecho: “Mariana é negra, alegre e sonhadora e gosta da sua cor, Mariana carrega o nome do mar, o rio e ri o tempo todo” (COSTA, 2010, p.1) mostrando uma personagem feliz e que tem sua autoestima elevada, no livro também é mostrado que na escola a professora passa o conhecimento sobre a ancestralidade e que os negros vieram da África, fazendo referência ao trabalho escravo, a menina sonha com a mãe-África livre, na narrativa também aparece mais duas personagens Dandara e Luanda, nesse sentido Dandara sonha com a África e com os animais que pertencem a natureza de lá, e Luanda sonha com a dança e com a cultura da África que a professora fala durante as aulas.

Figura 1: personagem Mariana



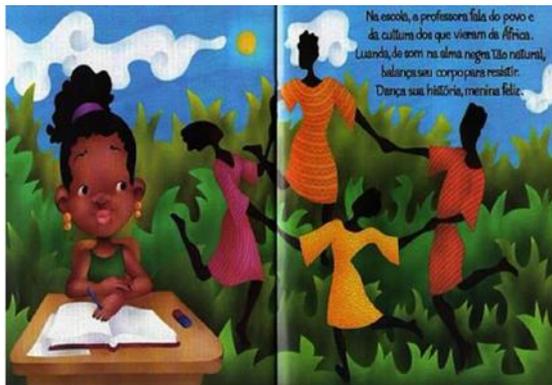
Fonte: Costa, 2010

Figura 2: personagem Dandara



Fonte: Cota, 2010

Figura 3: personagem Luanda



Fonte: Costa, 2010

Em primeiro momento notamos como cada característica das meninas são valorizadas tanto no aspecto físico como emocional. No segundo momento vemos como o livro passa a mensagem de que as meninas possuem o sentimento de identificação com a história da África, demonstrando a importância de a escola trabalhar com esse tema, pois fez as meninas sonharem e se sentirem representadas. É importante trazer o conteúdo sobre a África e as riquezas da sua diversidade, suas origens, como seu povo se desenvolveu antes da chegada do europeu ao continente.

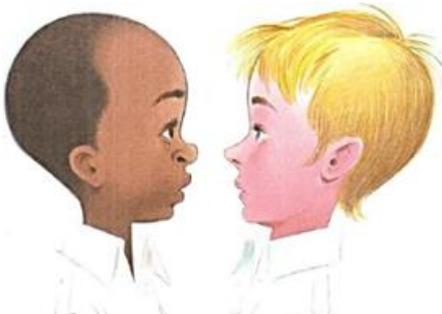
No livro *O Menino Marrom*, o autor trabalha especialmente a questão da cor, em primeiro lugar ele ressalta todas as características do menino de forma bem-humorada como no trecho “os olhos dele eram muito vivos, grandes. As bolinhas dos olhos pareciam duas jabuticabas”, o autor critica a sociedade através da narrativa expondo que a muitas diferenças no mundo, tudo é diferente, inclusive a natureza como o mar e uma lagoa, em segundo momento vemos que ele trabalha a questão das relações de amizade mostrando a amizade entre o menino marrom e o menino cor de rosa, e que mesmo que cada um tivesse personalidade distintas se davam bem, e quando saiam para brincar descobriram que o mundo é cheio de pessoas diferentes como no trecho: “É gente marrom, marrom-escuro, marrom-claro, avermelhada, cor de cobre, cor de mel, charuto, parda, castanha, bege, flicts, esverdeada, creme, marfim, amarelada, ocre, café-com-leite, bronze, rosada, cor-de-rosa” (Pinto, 1986, p.18).

Desse modo, o autor buscou enfatizar a questão de variações de cor de pele, participando da narrativa como contador de história de forma leve e engraçada, porém na verdade o autor critica o meio social e como a maldade está apenas nos adultos e

não nas crianças. Discutir identidade sem tratar da cor da pele é muito estranho e denota o racismo camuflado, no silêncio das relações. Para Munanga (2008) essa forma de se referir a cor da pele por variações de cores revela como se foge da discussão étnico-racial, como ficou bem explícita no primeiro livro. A cor da pele precisa estar associada a ancestralidade, a origem, a genealogia da família, será que o corpo docente tem sensibilidade para lidar com esta questão?

Em terceiro momento, uma problemática vista no livro, é que mesmo o autor mostrando o personagem e o valorizando, a questão da identidade não é vista de forma clara, pois o menino não possui nome e a todo momento é chamado de menino marrom, a obra não traz nenhum aspecto de ancestralidade, apenas a valorização da cor e da relação entre negro e branco como iguais

Figura 4: relação de amizade



Fonte: Pinto, 1986

Figura 5: o mundo não é dividido



Fonte: Pinto, 1986

Nos dois primeiros livros mencionados vemos a quebra de estereótipos, pois os personagens aparecem como os principais da narrativa, ao contrário de obras do escritor Monteiro Lobato que sempre colocou personagens negros como secundários, além disso é visto a questão das relações étnico-raciais a aceitação da aparência, estética negra, a cor da pele associada a ancestralidade, sentimento de pertencimento ao povo africano, representando também o multiculturalismo que é essencial em literaturas, segundo Silva, Petronilha e Gonçalves, Luiz (2003):

O multiculturalismo, não importa onde se manifeste, coloca o reconhecimento da diferença, o direito à diferença, como o dilema moderno das sociedades multiculturais. Assim agindo, põe em questão o tipo de tratamento que as identidades tiveram, e vêm tendo, nas democracias tradicionais. (Silva; Gonçalves, 2003. p. 117)

Nesse sentido, as obras trabalham a questão do respeito e empatia, sendo em literatura infantil uma estratégia de passar a compreensão de que o país é multicultural e que todas as pessoas devem ser tratadas com dignidade independentemente da cor da pele.

Nos livros *Betina* e *As Tranças de Bintou* percebemos uma semelhança pois ambos os livros ressaltam a questão das crianças com relação ao cabelo, *Betina* é uma menina que ama que sua avó cuide de seu cabelo e faça suas tranças, de *Bintou* que vive de acordo com a cultura africana ainda não pode usar tranças devido a idade e sonha com isso pois acha lindo, nos livros o cabelo é valorizado conforme ele é, como pode ser visto em *Betina* que quando adulta vira cabeleireira especialista em cabelos crespos, desse modo vemos como é importante nas literaturas ter essa valorização para a autoestima das crianças, pode-se perceber isso através do trecho

O dia de fazer penteado novo era especial. A avó tirava as tranças ou coque antigos, lavava o cabelo da neta, passava creme para desembaraçar, desembaraçava, lavava de novo e secava com a toalha. nessa última etapa, cabelo já não tinha mais creme, uma dica: o segredo para um bom trançado é deixar o cabelo bem limpinho e sem creme. evita caspa e facilita o manusear dos fios (Gomes, 2011, pag. 6)

Nesse sentido, notamos como é passado cuidadosamente a valorização da identidade, mostrando a personagem feliz e satisfeita com seu cabelo, em *Bintou* a personagem aprende sobre a cultura e entende que quando ficar mais velha poderá usar seus cabelos com tranças, mesmo assim na narrativa é mostrado como a menina aprende a gostar de seu cabelo mesmo usando com penteado de birotos, podemos ver isso no trecho “eu sou Bintou. Meu cabelo é negro e brilhante. Meu cabelo é macio e bonito. Eu sou a menina dos pássaros no cabelo. O sol me segue, e estou muito feliz” (Diouf, 2004, p.30). São atitudes como essas que estão presentes na Literatura Infantil, que precisam ser valorizadas pelos professores para que as crianças possam, cada vez mais, incorporar esse discurso na sua prática, sobretudo, quando se trata de crianças negras.

Associado a isso, destacamos a forma como os professores tratam a questão racial na escola, no sentido de que compreendemos que é muito importante nos preocuparmos com a postura do professor. Pois:

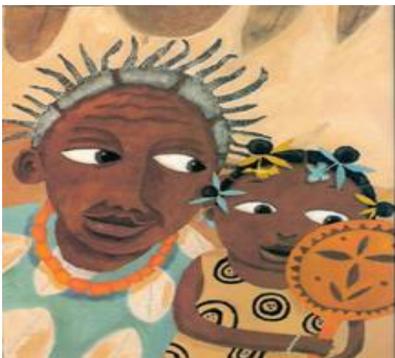
O silêncio dos professores perante situações de discriminações impostas pelos livros escolares [e também pela Literatura Infantil] acaba por vitimar os

estudantes negros. Esse ritual pedagógico, que ignora as relações étnicas estabelecidas no espaço escolar, pode estar comprometendo o desempenho da personalidade de crianças e de adolescentes negros, bem como estar contribuindo para a formação de crianças e de adolescentes brancos com um sentimento de superioridade (Cavalleiro, 2014, p. 32-33).

Cavalleiro (2014), nos faz refletir o quanto se faz necessário que o professor, no seu ritual pedagógico não silencie questões como essas.

Por outro lado, os dois livros, acima citados, mostram alguns aspectos estéticos destacados como o cabelo por exemplo, nesse sentido essas narrativas são importantes para identidade negra, pois os cabelos crespos e cacheados são diariamente rejeitados e sofrem preconceito, desse modo, para pensar em conscientização é necessário pensar em formas que possam trazer contribuições positivas em relação às características físicas negras que compõem suas identidades, como por exemplo o uso de literaturas com narrativas que mostram a aceitação do cabelo de forma positiva e a valorização da própria imagem.

Figura 6: Bintou feliz com seu penteado



Fonte: Diouf, 2004

Figura 7: Betina feliz com seu novo penteado



Fonte: Gomes, 2011

No livro Kabá em primeiro momento traz a apresentação do personagem, onde moram, qual povo pertencem, nesse sentido Kabá pertence ao povo Munduruku, diante disso o livro passa todo o contexto da identidade do povo indígena como eles recebem o nome, como é a construção da casa, como forma uma aldeia e como é a vivência deles com a natureza, a maioria dos personagens indígenas são todos meninos, livres, alegres, brincando, cuidando da natureza, muitas imagens, um colorido encantador. Diante os expostos, percebe-se que as literaturas afro-brasileira e indígena, possuem representatividade com personagens criativos e narrativas positivas sobre a identidade, sendo propícias ao contexto escolar para uma educação

inclusiva e sem preconceitos, para que isso seja efetivado é necessário que os professores procurem utilizar essas literaturas. Será que o professor está preparado para fazer essas reflexões sobre identidade, autoestima

De acordo com Castilho (2004), a literatura infantil que os alunos utilizam nas escolas, raramente mostra personagens felizes, famílias negras bem sucedidas e bem vestidos, dessa forma pensando em educação das relações étnico-raciais, a não utilização dessas literaturas acabam comprometendo a formação da criança negra, diferentemente da branca, pois para as crianças negras dificulta justamente a questão da identidade e pertencimento social por não ter personagens que ela possa usar como um exemplo. Além do fato de reforçar a visão estereotipada de superioridade e supremacia das crianças brancas sob as negras.

Portanto, muitos exemplos de literatura infantil étnico-racial existem e precisam chegar à escola, a sala de aula, a biblioteca ou sala de leitura, pois a literatura infantil tem um papel fundamental na formação de valores, princípios e formas de convivência. A Lei 10.639/2003 “exige que se repensem relações étnico-raciais, sociais, pedagógicas, procedimentos de ensino, condições oferecidas para aprendizagem, objetivos tácitos e explícitos da educação oferecida pelas escolas.” (BRASIL, 2004, p. 17). A educação das relações étnico-raciais envolve uma ampliação do olhar para história das populações negras e indígenas, suas lutas e conquistas que podem ser trabalhadas em diversos gêneros textuais.

Ademais é importante ressaltar que todos os tipos de literaturas devem ser trabalhados com o público infantil, porém é necessário que o corpo docente incorpore em suas aulas as literaturas infantis com personagens negros e indígenas como protagonistas da narrativa e participação positiva nas histórias e trabalhem o respeito as diferenças e a riqueza das relações étnico-raciais.

4.2 Cultura²

Em quase todos os livros aparecem elementos de destaque das culturas africana, afro-brasileira e indígena. As expressões da vida cotidiana dos personagens como nos livros Abaré, As aventuras de Wiraí, O menino Poti e Kabá trabalham em suas narrativas a representação da cultura indígena brasileira, mostrando elementos

² Cultura diz respeito à humanidade como um todo e ao mesmo tempo a cada um dos povos, nações, sociedades e grupos humanos. (Santos, 2006, p.8).

como as moradias, as atividades e a vivência no dia a dia, além da relação do indígena com a natureza que fica bem exposto a questão do respeito e como eles têm uma forte ligação com os animais.

No livro *As Aventuras de Wiraí* vemos que ele passa por dificuldades por não ter obedecido a mãe e as consequências disso. O livro mostra elementos característicos dos indígenas como o uso de penas e pinturas, além disso mostram animais nativos do Brasil como pica-pau, paturi, jacaré, socó entre outros que ao longo da história ajudam o menino a voltar para seu povo. O livro *Abaré* deixa aberto a imaginação mostrando um garoto vivendo aventuras com a natureza, de início o livro mostra que *Abaré* significa amigo em tupi-guarani, desse modo o livro trabalha a relação do indígena com a natureza e como o menino está feliz vivendo aventuras e brincando com seus amigos os animais.

Já o livro *Menino Poti* buscou mostrar características da cultura indígena como a casa, a relação familiar, passando a narrativa de acordo como o menino enxerga sua realidade e como é seu dia a dia, aprendendo com os adultos as tarefas, e o cuidado com animais, mostrando uma forte amizade entre indígena e animais. no livro *Kabá* é mostrado a questão da cultura, as brincadeiras e a ligação com a natureza, mostrando também a identidade cultural, quais materiais eles utilizam para fazer as pinturas e como eles fazem uso das pinturas na aldeia e por fim, os instrumentos que eles utilizam para fazer os rituais. Desse modo, o livro *Kabá* trabalha a questão cultural de forma bem explícita mostrando cada detalhe com uma narrativa comunicativa com os leitores, demonstrando ser um livro que ressalta a vida da população indígena. De acordo com Munduruku (2018):

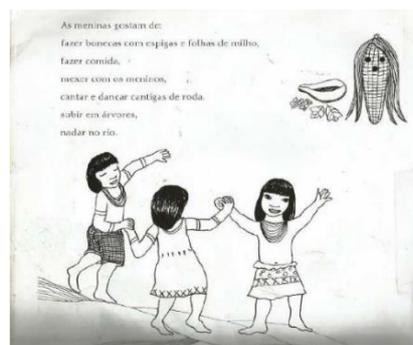
Está presente no imaginário do brasileiro que as populações indígenas estão paradas num tempo imemorial e que o estilo de vida por elas adotado é comprovação mais que suficiente para demonstrar que elas precisam ser incorporadas ao repertório “civilizado” que a cidade possui e, assim, poderem deixar seu “atraso” cultural e tecnológico para trás (Munduruku, 2018, p. 171).

Figura 8: menino Kabá



Fonte: Munduruku, 2002

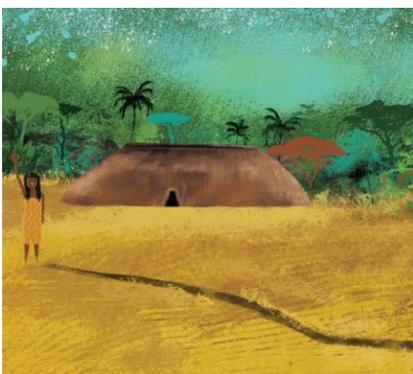
Figura 9: meninas brincando



Fonte: Munduruku, 2002

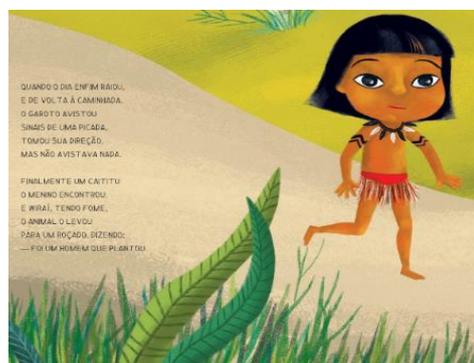
Nesse sentido, essas imagens de que o povo indígena precisa ser “civilizado” vem dos estereótipos que foram colocados sobre os indígenas a muito tempo, além de imagens fantasiosas passadas pela escola quando trabalham, especialmente, no “dia do índio”, a cultura indígena no olhar do colonizador europeu. Desse modo, podemos dizer que ter literaturas infantis que mostre os personagens felizes com sua cultura, vivência e modo de vida faz diferença no olhar das pessoas sobre o povo indígena. Segundo Gomes (2003) “é por meio da educação que a cultura introjeta os sistemas de representações e as lógicas construídas na vida cotidiana acumulados (e também transformados) por gerações e gerações” (GOMES, 2003, p. 170). Nesse sentido a relação de cultura e educação é um processo de humanização, sendo a educação uma das formas mais significativas de mudanças das condutas sociais e de sistemas implantados por muito tempo na sociedade, de forma que excluía os indígenas e os negros como pertencentes da cultura brasileira, enaltecendo a cultura eurocêntrica.

Figura 10: elementos culturais



Fonte: Marques, 2018

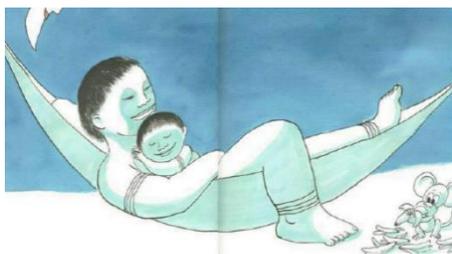
Figura 11: indígena Wiraí



Fonte: Marques, 2018



Fonte: Lima, 2009



**Alumia até Poti no colo do pai.
E alumia o macaco de banana na boca.**

Fonte: Machado, 1982

Nos livros *Betina* e *As tranças de Bintou*, notamos a questão da ancestralidade e a herança que é passada de geração para geração, no caso de Betina sua avó passa os ensinamentos para ela de como trançar os cabelos sempre contando histórias de seus antepassados, já em *As tranças de Bintou* vemos que o livro passa a narrativa referente a cultura africana, de forma que sua avó ao longo do livro explica para a Bintou que as tranças são um ritual de passagem enquanto a garota é criança ela deve usar os birotos e quando se tornar adolescente ela irá usar as tranças. Além disso, o livro conta com características africanas como roupas, penteados, acessórios, além de mostrar alguns aspectos culturais como dança, rituais e comidas, o livro trabalha com o respeito à ancestralidade, mostrando ser um livro muito rico em cultura africana. Será que o corpo docente das escolas sabe tratar essa questão cultural afro-brasileira, africana e indígena?

Figura 14: Betina e sua avó



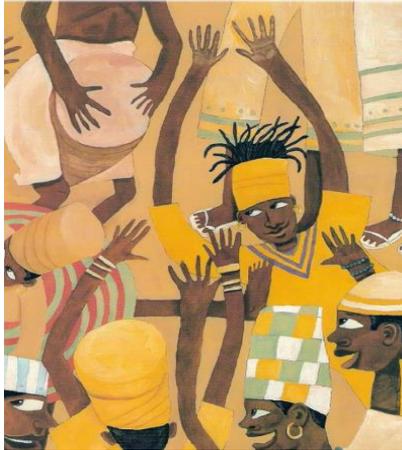
Fonte: Gomes, 2011

Figura 15: Bintou e sua avó



Fonte: Diouf, 2004

Figura 16: ritual de batizado



Fonte: Diouf, 2004

A cultura nas literaturas é fundamental para trabalhar o conhecimento de um país que é multicultural, possuindo influências da cultura indígena e africana além de outras, nesse sentido o uso pedagógico destes livros são auxiliares para tratar este conhecimento de forma leve e divertida para as crianças, segundo Kayapó (2019) as escolas e seus currículos acompanham as orientações pedagógicas do currículo oficial que apresenta uma visão dos povos indígenas como demonstração cultural as lendas que por sua vez são histórias fantasiosas que não passam a realidade dos indígenas, ou eram sempre lembrados pela história da “descoberta do Brasil”, ainda hoje o governo passa a mensagem de que os indígenas deveriam ser civilizados, propagando preconceitos e falta de empatia aos povos originários. Desse modo para que se obtenha mudanças Kayapó (2019) relata que:

É necessário que professores, alunos e demais agentes das escolas problematizem e se apropriem dos conhecimentos sobre o tema, tornando-se produtores e protagonistas da produção de outras histórias que avancem contra a versão dominante. Os esforços para a promoção da Lei n. 11.645/08, no que tange ao estudo da história e da cultura indígena, esbarram em limites complexos, entre eles a morosidade e o reduzido interesse das escolas e poder para promover cursos de formação dos professores e produção de material didático específico sobre a temática. (Kayapó, 2019. p. 77).

Nesse sentido, como docentes estão trabalhando essa problematização da questão étnico-racial? A literatura também se torna um instrumento de representação da cultura indígena, e sendo utilizada desde a educação infantil passa um real conhecimento de como é a vivência dos indígenas e como eles estão bem de acordo com a realidade que eles vivem. Daniel Munduruku em uma entrevista com Ana Carolina Cernicchiaro em 2017, relatou que para ele as narrativas escritas refletem as

histórias passadas e contadas pelos seus ancestrais, desse modo ele procura através das literaturas ter uma escrita realista de contato com o leitor, como vimos em Abaré que começa apresentando o que significa o nome Abaré e assim cria-se um vínculo com o leitor que terá a curiosidade de acompanhar a narrativa do personagem.

Salienta-se ainda a importância de trazer para o uso pedagógicos livros que apresentam ancestralidade, para que seja ensinado sobre a cultura antiga e assim seja repassado para as crianças negras e indígenas o sentimento de pertença a essa cultura que por muito tempo foi invisibilizada, segundo Oliveira (2023)

Entender o sentido sócio educacional da inserção dos valores ancestrais africanos e aqueles transformados em solo brasileiro por força das circunstâncias nos currículos escolares significa contribuir para a formação de negros e não negros mais conscientes de seus papéis sócio-político-ideológico (Oliveira, 2023, p. 112).

Desse modo, utilizar desde a primeira infância livros que ofereçam narrativas culturais, que representam culturas africanas, afro-brasileiras e indígenas, contribui tanto para a identidade como também para um conhecimento realístico de um país que possui uma sociedade com várias etnias e que foi formado por várias culturas que devem ser respeitadas e valorizadas, pois essa é uma riqueza da nação sua diversidade multicultural.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como o objetivo principal desse trabalho foi analisar obras literárias infantis afro-brasileiras e indígenas, e suas contribuições significativas para as crianças, buscando demonstrar como a literatura infantil étnico-racial cria um espaço inclusivo, de respeito à diversidade. De acordo com os argumentos supracitados, pode-se assegurar que através da pesquisa realizada, é possível que, tanto a Literatura Infantil, em geral, como a Literatura Infantil que trate de temáticas raciais e indígena provoque mudança na mente das crianças, no que se refere a uma mudança no cenário escolar referente aos preconceitos e racismos, proporcionando um ambiente inclusivo, que utilize literaturas infantis étnico-raciais que valorizam a identidade e cultura, desse modo os professores devem fazer uso das literaturas infantis afro-brasileiras e indígenas, proporcionando uma educação com conhecimento de estar em um país multi étnico-racial.

Vale ressaltar que a arte literária faz parte do papel pedagógico de ensinar de forma livre e prazerosa as crianças, tendo em vista que ela trabalha com a imaginação, reflexão e criatividade, nesse sentido, as crianças ficam em contato com várias narrativas que apresentam personagens de acordo com a história, o problema é que a maioria dos personagens são brancos, desse modo pensar em uma educação das relações étnico-raciais é considerar a diversidade, é entender que se deve abordar literaturas étnico-raciais no cotidiano escolar, diante disso seriam literaturas com narrativas de representação de personagens negros e indígenas como protagonistas e, também, que mostrem as culturas como indígena e africana, pois essas literaturas tem o objetivo de trabalhar com abordagens de conhecimentos que contribuam para o entendimento da história brasileira, de forma espontânea.

Além disso, são literaturas que valorizam a identidade, destacando características negras e indígenas como positivas, dessa forma, é importante ressaltar que trabalhar a inclusão é saber ministrar o uso de literaturas infantis, procurando destacar narrativas distintas, podendo fazer uso dos clássicos e também das literaturas infantis étnico-raciais com autores brasileiros. O desafio é se o corpo docente está preparado para realização dessa abordagem, pois sem estudos sobre as temáticas fica difícil implementar esse trabalho.

Diante o exposto, o presente trabalho analisou obras literárias indígenas e afro-brasileiras, com intuito de mostrar a importância e suas contribuições as crianças,

nesse sentido foi visto que as obras trabalham em suas narrativas a identidade e cultura, de forma positiva valorizando as características das crianças negras e mostrando a forma em que os indígenas vivem e sua ligação com a natureza, ademais as obras incentivam a amizade, estudo e respeito às pessoas e a ter empatia pela natureza e as diferenças.

Como foi demonstrado ao longo da pesquisa para se chegar nesse resultado foi necessário que os negros fizessem movimentos da negritude e superassem inúmeras dificuldades, hoje temos muitos autores que contribuem para a escrita de obras com personagens negros, indígenas autênticos e protagonistas, quebrando o paradigma da invisibilidade étnica causada pelo racismo, nesse contexto, a presença negra e indígena em livros vem desconstruindo estereótipos impostos pela sociedade, principalmente devido à influência de autores europeus.

Desse modo as literaturas com representatividade, expressam e valorizam a identidade, sendo contra a subalternização dos personagens, que por muito tempo eram colocadas nas escritas como trabalhadores, escravizados dos brancos, sempre com a imagem negativa. No caso da produção de literaturas indígenas que só foi possível pelos seus esforços e lutas para o reconhecimento de sua cultura e pertença a nacionalidade brasileira, após serem vistos em literaturas como lendas, os indígenas viram a necessidade de que eles mesmos escrevessem as literaturas para passar a mensagem de como é a vivência desta cultura e que eles merecem respeito, para eles a escrita é uma forma de luta pelos seus direitos, pois através disso eles podem fazer suas críticas à sociedade, além de resgatar a memória deixada pelos seus ancestrais e poder passar isso para as próximas gerações.

Partindo desse entendimento, percebemos o quanto a Literatura Infantil é importante, seja para a formação do leitor crítico, seja para a questão da representatividade negra e indígena nas escolas sendo fundamental para uma educação das relações étnico-raciais, ressignificando tempos de invisibilidade e valorizando a identidade e culturas que por muito tempo, foram negligenciadas. Nas literaturas infantis afro-brasileira e indígena, destacam-se temas como ancestralidade, sentimento de pertença a cultura africana, empatia a natureza, amizade de forma positiva, entre outras coisas, desse modo é importante não apenas para os negros, mas também para todos de outras descendências étnicas, promover nas escolas literaturas que reforcem uma educação sem preconceitos e com maior conhecimento sobre a nacionalidade brasileira.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Claudeci; ALMEIDA, Vitória. A importância da literatura no contexto da alfabetização. Anais eletrônicos da III Jornada Brasileira de Educação e Linguagem/ III Encontro dos Programas de Mestrado Profissionais em Educação e Letras e XII Jornada de Educação de Mato Grosso do Sul. 2018. Disponível em: <https://anaisonline.uems.br>. Acesso em: abril de 2024.
- BASTIDE, Roger. Estudos Afro-Brasileiros. Perspectiva, São Paulo, 1973, 384p.
- BONIN, Iara. Representações da criança na literatura de autoria indígena. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br>. Acesso em: 17 de maio de 2024.
- BONIN, Iara. Narrativas sobre Povos Indígenas na Literatura Infantil e Infanto-Juvenil. 2007. Disponível em: <https://alb.org.br/>. Acesso em: 17 de maio de 2024.
- BRASIL, Lei 10.639/2003. Brasília, DF: Presidência da República, 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm Acesso em: março 2023.
- BRASIL, Lei 11.645/2008. Brasília, DF: Presidência da República, 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm Acesso em: abril 2023.
- BRASIL, Lei 12.288/2010. Estatuto da Igualdade Racial. Brasília, DF: Presidência da República, 2010. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12288.htm Acesso em: maio de 2024.
- BRASIL, Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana. Brasília, DF: MEC, SEPPPIR, SECAD, 2004. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/centrais-de-conteudo/acervo-linha-editorial/publicacoes-diversas/temas-interdisciplinares/diretrizes-curriculares-nacionais-para-a-educacao-das-relacoes-etnico-raciais-e-para-o-ensino-de-historia-e-cultura-afro-brasileira-e-africana> Acesso em: dezembro de 2023.
- BRASIL, Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana. MEC, SEPPPIR, SECAD, 2013.
- BRASIL. A carta de Pero Vaz de Caminha. Ministério da Cultura, Fundação Biblioteca Nacional, Departamento Nacional do Livro. Disponível em: https://objdigital.bn.br/acervo_digital. Acesso em: 4 de novembro, 2023.
- CADERMATORI, Liga. O que é Literatura Infantil. São Paulo: Brasiliense, 2010.
- CARVALHO, Ana Paula G.; MARTINELLI, Nelson. Educação Literária das Relações Étnico-Raciais: uma proposta para as aulas de língua portuguesa. Capes, 2020. Disponível em: https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/583923/2/Produto%20Ana%20Paula_Educa%20a7%20liter%20a1ria%20das%20rela%20a7%20b5es%20a9tnico-raciais%20%28com%20ficha%20catalogr%20a1fca%29.pdf. Acesso em: 15 de novembro, 2023.
- CARVALHO, Fernando. A presença Indígena na Ficção Brasileira. UNESP - Universidade Estadual Paulista/Araraquara – SP. 1997. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br>. Acesso em: 16, março de 2024.
- CASTILHO, Suely Dulce. A representação do negro na literatura brasileira. Novas perspectivas, v. 7, n 01, 2004a, p 103-113. disponível em: <https://revistas.uepg.br/>. acesso em: 18 de março.2024.
- CAVALLEIRO, Eliane. Do Silêncio do Lar ao Silêncio Escolar. Racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. São Paulo: Contexto, 2014.

CERNICCHIARO, Ana Carolina. Daniel Munduruku, Literatura para desentortar o Brasil. *Crítica Cultural*. Unisul. Palhoça, Santa Catarina, v. 12, n. 1, p. 15-24, 2017. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/>. acesso em: 15, maio de 2024.

COSTA, Madu. *Meninas Negras*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.

COSTA, Márcia; TEIXEIRA, Níncia. Machado de Assis e o legado da crítica: ao escritor as palavras. Unicentro, 2017. Disponível em: <https://revistas.unicentro.br/>. Acesso em: 26 janeiro.2024.

GRAÚNA, Graça; MUNDURUKU, Daniel; KAYAPÓ, Edson; et al. *Culturas Indígenas, Diversidade e Educação*. Educação em Rede, vol.1. Serviço Social do Comércio Departamento Nacional. Rio de Janeiro, 158 págs., 2019. Acesso em: 03 de maio, 2024

DANNER, Leno; DANNER, Fernando; DORRICO, Julie. Educação, memória e resistência na literatura indígena contemporânea. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, 2021. disponível em: <https://seer.ufrgs.br/>. Acesso em: 15 de maio, 2024.

DANNER, Leno; DORRICO, Julie; DANNER, Fernando. Literatura indígena entre tradição ancestral e crítica do presente: sobre a voz-práxis indígena em termos estético-literários. v. 24 n. 50. 2020. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/>. Acesso em: 15 de maio 2024.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Orientações Pedagógicas, História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena, artigo 26 da LDB. Brasília, p.75, 2012. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br>. Acesso em: 5 de maio, 2024.

DIOUF, Sylviane Anna. *As tranças de Bintou*. Tradução de Roger Mello. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento da negritude: uma breve reconstrução histórica. *Mediações – Revista de Ciências Sociais*, Londrina, 2005. Disponível em: <https://ojs.uel.br/>. Acesso em: 14 fevereiro. 2024.

DORRICO, Julie; DANNER, Leno; CORREIA, Heloisa; Danner, Fernando. *Literatura Indígena Brasileira Contemporânea: Criação, Crítica e Recepção*. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 424 p, 2018. Disponível em: <https://atempa.org.br/>. Acesso em: 15 de maio de 2024.

GOMES, Nilma Lino. *Betina*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.

_____. *Movimento Negro educador. Saberes construídos nas lutas por emancipação*. Petrópolis - RJ: Vozes, 2018.

_____. *Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo*. Educação e Pesquisa, São Paulo. 2003. disponível em: <https://www.scielo.br/>. Acesso em: 16 de abril, 2024.

LIMA, Graça. *Abaré*. São Paulo: Paulus, 2009.

LIMA, Maria; ALMEIDA, Vitória. Mercado editorial brasileiro e literatura afrodescendente: visibilidade de autores (as) negros (as) e incentivo à leitura. *Revista Folha de Rostó*. 2018. Acesso em: 26 de fev.2024. Disponível em: <https://periodicos.ufca.edu.br>.

MACHADO, Ana Maria; CLAUDIUS. *O menino Poti*. Ilustrações de Claudius. Rio de Janeiro: Salamandra, 1982.

MAGALHÃES, Basílio. *O Uruguai*. Ministério da Cultura Fundação Biblioteca Nacional Departamento Nacional do Livro. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br>. Acesso em: 15 de maio de 2024.

MARQUES, Wilson. *As aventuras de Wiraí*. São Luís: Kit 's, 2020.

MARQUES, Wilson. *As aventuras de Wiraí*. Kit's editora. 2018.

MATOS, Gregório. Poemas escolhidos. Seleção, prefácio e notas José Miguel Wisnik. Companhia de letras. 2010. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com>. Acesso em: 27 de novembro, 2023.

MELO, Carlos; COSTA, Heliene. Espiritualidade e ancestralidade indígenas em a cura da terra, de Eliane Potiguara. Verbo de Minas, V.20, n.36, p.31-47.2019. disponível em: <https://www.researchgate.net>. Acesso em 19 de maio, 2024

MUNDURUKU, Daniel. As Literaturas Indígenas e As Novas Tecnologias da Memória. In: Delgado, Paulo; Jesus, Naine. Povos Indígenas no Brasil: Perspectiva no fortalecimento de lutas e combate ao preconceito por meio do audiovisual. Brazil Publishing, pág. 169- 180.2018. disponível em: <https://ufmt.br/povosdobrasil>. Acesso:19 de maio, 2024.

MUNDURUKU, Daniel. Kabá Darebu. São Paulo: Brinque-Book, 2002.

MUNANGA, Kebengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade negra. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

OLIVEIRA, Luiz; RODRIGUES, Fabiane. Panorama editorial da literatura afro-brasileira através dos gêneros romance e conto. Universidade Federal de Minas Gerais.2015. disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores>. Acesso em: 8 fevereiro. 2024.

OLIVEIRA, Jurema. Ancestralidade e Afro-brasilidade. Revista Mosaico. V.16, p.108-124, 2023. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/>. Acesso em 12 de abril, 2024.

PINTO, Ziraldo Alves. O Menino Marrom. São Paulo: Melhoramentos, 1986.

SALES, Maria. A Literatura Infantil Indígena e Afro-brasileira em Ana Maria Machado contra os estereótipos implantados na escola: Uma mudança de olhar. Brazilian Journal of Development.2022. disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/>. 10 de abril,2024.

SANTOS, Luzia. O Percurso da Indianidade na Literatura Brasileira Matizes da Figuração. Editora Unesp. 2009. Disponível em: <https://static.scielo.org>. Acesso em: 16, maio de 2024.

SANTOS, Rosiane. Diversidades étnico-raciais na Educação Infantil. Revista Educação Pública, 2019. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br>. 19 de novembro, 2023.

SILVA, Erica, SILVA Núbia, SILVA Patrícia. PROTAGONISTAS NEGROS NA LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA: BREVE HISTÓRICO E PERSPECTIVAS CONTEMPORÂNEAS. Revista Humanidades e Inovação v.7, n.22. 2022. Disponível em: <https://revista.unitins.br/>. Acesso em: 16 de maio, 2024.

SILVA, Petronilha B. Gonçalves. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. In: Fonseca, Marcos; Silva, Silva, Carolina; Fernandes, Alexandra. Relações étnico-raciais e Educação no Brasil. Coleção Pensar, a educação. Belo Horizonte: Mazza Edições, p.11-37. 2007.

SILVA, Petronilha; GONÇALVES, Luiz. Multiculturalismo e educação: do protesto de rua a propostas e políticas. Educação e Pesquisa, São Paulo. 2003. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/>. Acesso em: 18 de março, 2024.

SILVA, Silvio. O que é racismo estrutural? Belo Horizonte – MG: Letramento, 2018.

SOUZA, Florentina. Relações étnico-raciais e ensino da literatura. Instituto de Letras. Revista Temas em Educação, João Pessoa, p. 96-107, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/24446>. Acesso em: 15 de março de 2024.

THIÉL, Janice. A literatura infanto-juvenil indígena brasileira e a promoção do letramento multicultural. Literartes, n.5, 12 p., 2016. Disponível em: <https://revistas.usp.br>. Acesso em: 18 de maio de 2024.

SANTOS, José. O que é cultura. São Paulo: Brasiliense, (Coleção primeiro passo) 12ª reimpr. A 16ª. Ed. De 1996. P. 110, 2006.